

## ESTAR AQUI, ESTA LÁ... UMA CARTOGRAFIA DA VIDA ENTRE DOIS LUGARES.

ASSIS, GLÁUCIA DE OLIVEIRA

97ST1232

Introdução(1)Esta pesquisa iniciou-se como Bye-Bye Brasil, quando imaginava os emigrantes como aqueles que partem deixando sua terra, seus amigos, o país. Num segundo momento, denominou-se Fazer a América pois, os emigrantes assim chamavam o projeto de trabalhar temporariamente como imigrante ilegal nos EUA e retornar ao Brasil com uma poupança que lhes permitisse comprar uma casa, um carro e montar um negócio. Entretanto, a medida que as múltiplas relações entre aqueles que partiram para os EUA e os que permaneceram no Brasil foram se revelando tornou-se Estar aqui, estar lá.. uma cartografia da vida entre dois lugares. A trajetória dos títulos revela a própria trajetória da pesquisa, onde aos poucos foi se evidenciando que os emigrantes brasileiros da década de 80 vivenciaram a experiência de viver entre duas temporalidades: o estar aqui - a vida em Governador Valadares, suas relações familiares, seus investimentos e o estar lá - o cotidiano na América o trabalho, as dificuldades, a saudade, o desejo da volta. Nesse sentido sempre que se recupera a memória da emigração, os estudiosos se perguntam: por que estes e não outros? Como em situação de penúria similares, alguns indivíduos partem e outros ficam? A história da migração, não é apenas daqueles que partiram, mas também daqueles que ficaram. A emigração de brasileiros para o exterior é um fenômeno recente. O Brasil, que até meados deste século atraiu milhares de imigrantes em busca de uma vida melhor, deparou-se na década de 80 com o inverso da situação - a emigração dos brasileiros para os EUA, Japão e Canadá. Segundo dados da Polícia Federal, cerca de 1,25 milhões de brasileiros deixaram o país - e não voltaram - entre 1985 e 1987. (SALES 1991, STYCER 1991).

Nas décadas de 60-70, muitos brasileiros emigraram para o exterior. Alguns forçosamente tornando-se exilados políticos da ditadura militar; outros como trabalhadores imigrantes temporários nos EUA. Embora diferente do exilado político, que vive a condição de "expatriado sem lugar" COSTA (1990:19) e não podia retornar quando desejasse ao país, havia, em ambos os casos, a perspectiva da volta. Por isso, estas migrações podem ser classificadas como temporárias.

Esta característica temporária da emigração, bem como a pequena relevância numérica deste fluxo, não chamou a atenção nem das autoridades brasileiras, nem de estudos acadêmicos, pois o Brasil não possuía tradição emigratória.

A emigração de brasileiros tornou-se uma questão relevante quando o que era um movimento esporádico para o exterior transformou-se num fluxo migratório. Em meados da década de 80, fomos surpreendidos por notícias de vários turistas brasileiros "barrados" pelos Serviços de Imigração, em aeroportos internacionais dos EUA e de Portugal, pela suspeita de que poderiam vir a engrossar os contingentes de imigrantes ilegais nestes países.

Outro dado relevante é o movimento de retorno de descendentes dos imigrantes que vieram para o Brasil, nos séculos XIX e início do XX, para os países de origem. No caso dos descendentes dos japoneses - nisseis e sanseis - podem contar com firmas de recursos humanos japonesas que abrem escritórios no Brasil especialmente para contratar candidatos para trabalharem no Japão, chamados Dekassegui (MORI, 1992:137).

Além das consequências demográficas, este novo fluxo da população brasileira coloca-nos questões referentes às complexas relações que se estabelecem entre aqueles que emigraram e aqueles que permaneceram quando o projeto de "ir para América" se torna parte da experiência de vida das pessoas.

Diante desse novo movimento, as primeiras tentativas de mapear e compreender este fluxo na academia classificaram os emigrantes como "exilados da crise" - uma alusão aos exilados políticos da década de 70 - que para fugir da crise econômica brasileira estariam sendo levados a migrar, como demonstrado por SALES (1991-1992), GOZA (1992) e MARGOLIS (1991;1992). Estes artigos enfatizavam a emigração como uma saída para a crise econômica que assolou o país na década de 80 - a chamada "década perdida"(2).

Na imprensa o fenômeno é tratado como algo exótico, pois não somos um país de tradição de emigração e as notícias evidenciam as aventuras e desventuras de brasileiros nos EUA. A mídia trata os emigrantes como exóticos, apresentando uma visão que contribui para a criação do mito em torno de Governador Valadares que se expressa nos títulos das reportagens: "Aventureiros sobrevivem de subemprego nos EUA" (Diário

Catarinense 16.05.93), "Filhos aventureiros são o orgulho da cidade" e " A invasão dos Brasileiros " (Zero Hora 16.05.93) "Brasileiro tem agora a fama de exportar conflitos sociais (World Mídia, Folha de São Paulo, 1991), "Uma corrida aos dólares - Joaquim "Jackson " Araújo é um dos 40 mil valadarenses que perseguem o Eldorado nos Estados Unidos" (Isto é/ Minas Gerais 14.04.93). As reportagens mostram fotos da cidade onde a rodoviária é apontada como a única saída para a pobreza, em contraste com o sucesso da volta dos emigrantes, onde aparecem casas e apartamentos novos e modernos.

Essas reportagens trazem algumas informações desconhecidas sobre o número de emigrantes nos EUA, a localização da cidade e suas características sócio-econômicas e, segundo os valadarenses, contribuem para que se crie uma visão distorcida acerca do emigrante e do próprio valadarense merecendo, por isso, uma reportagem numa revista local - GV News - (março de 1994 ) que critica algumas informações e preconceitos gerados pelos jornais e revistas nacionais.

Ao procurar compreender este fenômeno, Governador Valadares, cidade situada na região leste do estado de Minas Gerais, converge nossas perguntas, estimula nossa curiosidade sugerindo questões, histórias. Devido ao grande fluxo de valadarenses para o exterior, notadamente para os EUA, a emigração extrapolou as vidas dos emigrantes, passando a fazer parte da vida cotidiana da cidade. Segundo os próprios valadarenses, "todo o valadarense tem duas bicicletas e um amigo ou parente nos EUA"(3). Além disso, não é raro encontrar duas senhoras conversando num supermercado sobre os filhos que estão nos EUA - se casaram ou não, como vai o trabalho, os dólares - como se emigrar fosse uma experiência "natural", como se os EUA não fossem a 8.000 milhas de distância.

Conhecida nacionalmente como "Valadólare"(4), Governador Valadares atraiu atenção da imprensa e sugere a busca de explicações para este fenômeno. Calcula-se que cerca de 20% do total da população, que é de 230.487 habitantes (Censo 1991), tenha emigrado.

A parte mais visível deste processo está no " boom" da construção civil, no crescimento do número de agências de turismo que funcionam como bancos, na dolarização da economia. No plano das relações sociais, este processo colocou pessoas que nunca emigraram em contato com a realidade da emigração, fazendo com que os emigrantes e suas famílias estruturassem a vida entre dois lugares.

Diante desta novidade, a emigração de brasileiros para o exterior, nos perguntamos: quem são estes emigrantes? por que deixaram o país?

Uma das primeiras explicações para este fenômeno aponta para a conjuntura econômica do país como uma das causas deste fluxo. Embora sabendo que os fatores econômicos estão presentes na decisão de migrar, ao colocar-me estes questionamentos procurei descentrar o foco das análises macroestruturais e recentrá-lo nos atores sociais deste fluxo. Meu principal interesse era evidenciar como o processo migratório rearticula as relações sociais, particularmente as relações familiares e de gênero, pois são os valadarenses nos EUA e suas famílias no Brasil que vivenciam e compartilham desse drama de partir, esperar e retornar.

Este artigo se propõe a contar uma parcela desta história através da análise das narrativas dos emigrantes - as cartas que escreveram a seus pais, amigos(as), namorados(as), esposos (as) no Brasil. Ao fazer este recorte o objetivo foi resgatar a experiência subjetiva dos emigrantes e suas famílias que ficaram em Governador Valadares. As cartas constituíram-se no recorte metodológico a partir do qual a experiência migratória foi analisada.

Ao selecionar as narrativas dos emigrantes, como o ponto de partida pretendia reconstruir a trajetória dos emigrantes interpretando o significado dessa experiência para todo o grupo, ou seja, tanto para aqueles que partiram, quanto para aqueles que permaneceram no Brasil. Portanto, elaborar uma cartografia da migração que permita, através das cartas e outras narrativas, desvelar os sentimentos, desejos, alegrias e tristezas relatados pelos emigrantes aos seus amigos, parentes e amantes revelando assim, a subjetividade no processo migratório é o objetivo geral deste artigo.

AS CARTAS DOS EMIGRANTES COMO NARRATIVAS DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA

As cartas constituíram-se no primeiro dado significativo acerca da experiência subjetiva dos valadarenses nos EUA. As primeiras cartas recebidas provocavam-me um misto de curiosidade e anedade, pois não imaginava que tipos de dados poderia extrair das mesmas. As cartas ainda eram acompanhadas de uma cartinha de minha mãe, com sugestões de pessoas para entrevistar ou que poderiam fornecer novas cartas. A partir das cartas, tornou-se possível fazer um mapeamento das trajetórias dos emigrantes, bem como a localizar suas famílias em Governador Valadares. A cada carta recebida pelo correio, com cartas de emigrantes destinadas à suas famílias, aquelas vidas que traziam começaram a ser delineadas, tornaram-se presentes

Além de revelarem o cotidiano na "América", as cartas aproximavam temporalidades. O depoimento de um dos destinatários, cujo irmão está há 23 anos nos EUA, demonstra a importância particular das cartas para aqueles que as recebem:

Atualmente nós estamos com um telefonema por mês, mas tem vezes que a gente dá dois ou três. Ele liga mais do que eu, mas eu preferia que ele escrevesse ao invés de telefonar. Sei lá, você ouve a criatura muito bem, você fala seus problemas, mas, é uma coisa muito rápida eu tenho carta aí que tem 10, 12, 15 anos aí eu mexo com elas e sinto aquela mesma emoção ...A carta traz um pouco dele. A propósito disso eu recebia cartas de um sobrinho, ele escrevia mal e coisa mas, eu gostava muito da maneira dele escrever e um dia, a esposa dele começou a escrever aí, quando eu recebi a carta eu disse: - Ihh... E escrevi-lhe dizendo que ele não levasse a mal que a letra estava bonita e o português melhor, mas que eu queria aqueles garranchos mesmo porque nos erros eu via a cara dele, quando ele recebeu minha carta a esposa dele disse - "seu tio não me conhece e já não gosta de mim" - mas não era isso entende? (hist IV, 50 anos possui um irmão há 23 anos nos EUA)

As cartas trazem esta emoção - a possibilidade de tornar presente alguém que está ausente, de trazer notícias... saudades... alegrias e tristezas relatos do cotidiano vivido. Conforme BAILY E RAMELLA (OP. CIT:04), "as cartas sendo privadas - escritas para comunicação pessoal de um indivíduo específico com sua família - servem de ligação vital entre emigrantes, suas famílias e amigos na terra natal e representam o limite da experiência migratória".

No total foram coletadas 90 cartas, de 12 emigrantes - 06 homens e 06 mulheres. Não disponho de cartas escritas pelos familiares e enviadas aos EUA, pois não imaginei que seria possível consegui-las junto aos emigrantes e dadas as dimensões que o trabalho foi tomando, imaginei que extrapolaria os objetivos de uma dissertação de mestrado.

Para evitar distorção nos dados, o critério que utilizei para inclusão das cartas foi a seleção das mesmas pelos temas mais recorrentes que contribuíssem para revelar momentos da experiência migratória. Assim, pude incluir na análise, tanto as 40 cartas de um único emigrante que relata um longo período de emigração, quanto uma única carta de uma emigrante, por relatar o retorno aos EUA depois de tentar viver no Brasil. Os destinatários que selecionaram e remeteram as cartas que julgaram interessante para a pesquisa portanto, os relatos que possuo são fragmentados não sendo possível analisá-los como fizeram THOMAS & ZANANIECKI(1984), MONTEIRO(1985), BAILY E RAMELLA (1988) que trabalharam com cartas trocadas entre famílias.

Devido a essa disparidade numérica de material coletado optei por reuní-las em unidades temáticas. Assim, foram extraídos trechos recorrentes das cartas que expressavam os vários momentos da experiência migratória - desde a partida do Brasil até os vários retornos. Os trechos selecionados possibilitaram a elaboração de uma narrativa coletiva dessa experiência a qual chamei - o imaginário da imigração.

Tal forma de apresentação dos dados, tem também o objetivo de preservar a identidade dos informantes, pois as cartas me foram entregues com muitas recomendações sobre o seu valor afetivo e o cuidado para que as pessoas não fossem identificadas. Outra medida tomada para assegurar o anonimato dos informantes foi trocar os nomes por nomes fictícios. Brincando um pouco com a nomeação, escolhi nomes compostos, assim todas as cartas escritas pelos homens foram assinadas por José (Antônio, Arthur, Augusto, Carlos, Mário, Felipe, Júlio) e as mulheres por Maria (Conceição, Débora, Marta, Aparecida, Cândida, Lúcia) ficando assegurada a não identificação das pessoas. Os relatos individuais espalharam-se nos tópicos temáticos constituindo uma grande cartografia dos sentimentos, ações e relações dos emigrantes.

Para analisar as cartas realizei um fichário de todas as cartas contendo nome, pseudônimo, número de cartas e o destinatário. A primeira parte da análise consistiu em fazer a leitura de todas as cartas e colocá-las em tópicos temáticos. Após este trabalho de síntese, destaquei os temas mais recorrentes nas cartas de homens e mulheres emigrantes.

A leitura das cartas demonstrou um encadeamento de temas que foram distribuídos em dois grandes núcleos temáticos :

- A vida cotidiana nos EUA: onde aparecem os relatos sobre as primeiras impressões, o trabalho, a moradia, os bens adquiridos nos EUA, as dificuldades e os projetos de fazer a "América", os planos de retorno, as possibilidades de legalização, os momentos de lazer;

- As relações com o Brasil - onde aparecem referências a saudade dos familiares e da vida no Brasil, as relações afetivas e orientações sobre questões da vida cotidiana em Governador Valadares. As variações deste encadeamento temático podem ser atribuídas às diferenças de destinatário.

As cartas trazem para o nível local - Governador Valadares - relatos da experiência da vida na " América ", ao mesmo tempo que mantêm as ligações com o Brasil. A importância destes relatos é que permitem reconstruir a memória coletiva através das diversas trajetórias de vida que se cruzam quando comparamos as cartas. Segundo Halbwachs (1990, p53-89), a memória coletiva retém o passado que está vivo nas lembranças dos sujeitos expressando um olhar do grupo acerca de si mesmo diferindo-se assim, da história.

Nesse contexto, quando tomo as cartas como relatos da experiência migratória, como memória autobiográfica, estou buscando fazer falar sujeitos sociais inseridos em quadros sociais. O registro contido na carta expressa os dois níveis da memória individual: as lembranças interiores, pessoais, individuais e ao mesmo tempo como componente de um grupo. Esta classificação das cartas como relatos de memória coletiva da imigração, constituíram-se num recorte que realizei por considerar que os dados etnográficos que emergiram das mesmas, ajudaram-me a compreender práticas sociais, que fizeram e fazem a vida do emigrante e suas famílias.

Ao perceber qualidades comuns nestes relatos individuais, tornou-se possível a reconstrução das diversas trajetórias dos emigrantes. As cartas emergem portanto, como documentos essenciais para evidenciar os aspectos subjetivos da migração (BAILY E RAMELLA, 1988).

As cartas dos emigrantes além de expressarem uma memória coletiva da migração, constituem-se também drama sociais. As cartas "contam histórias" da vida num outro lugar - "a América" relatadas em casos e situações cotidianas. Estas histórias podem ser tomadas como narrativas, pois, assim como as histórias de bruxas analisadas por MALUF (op. cit:57-63), possuem, além do conteúdo expositivo e explicativo característicos do discurso, um componente essencial à narrativa que é o drama(5). O seu conteúdo dramático explicita-se pelo relato confessional do estranhamento diante de outra cultura, do desejo, da saudade, das dificuldades, das alegrias envolvendo aqueles que permaneceram nessa trama de partir, permanecer, retornar que as cartas explicitam.

As narrativas se estruturam tendo o drama como foco central, pois ele expressa a desordem, o rompimento de um equilíbrio anterior. Esta caracterização das narrativas é válida para as histórias, os contos de fada, a narrativas sobre bruxas. O que podemos tirar para análise das cartas?

As cartas escritas pelos emigrantes podem ser tomadas como narrativas à medida que encontrei nas mesmas algumas das estruturas encontradas nas lendas, histórias, contos-de-fada. As cartas ao contarem a experiência migratória passam por essas etapas. Desta forma podemos procurar nas cartas o esquema seqüencial proposto por Todorov:

1. A situação de equilíbrio inicial
2. A degradação da situação
3. O estado de desequilíbrio
4. A procura e a descoberta
5. O restabelecimento do equilíbrio inicial

A situação de equilíbrio inicial pode ser classificada como o período anterior à emigração. Isto não quer dizer que a vida das pessoas era um " mar de rosas " no país de origem. Entretanto, as situações que o emigrante

vivência na sociedade americana, a partir da emigração, rompe com esse equilíbrio inicial, a situação torna-se problemática.

A degradação da situação e o estado de desequilíbrio podem ser analisados nas cartas como os períodos que sucedem a chegada: as dificuldades de adaptação, a procura do emprego, as dificuldades com a língua, a saudade, a condição de imigrante ilegal, a moradia, as dívidas no Brasil, as justificativas para a família acerca de decisões tomadas. A frase "a gente só sabe o que é a América quando chega lá" é um indicativo deste processo de desencantamento do sonho de "fazer a América".

A procura e a descoberta seriam as alternativas a essa situação. As cartas evidenciam esta busca de solução para além destas dificuldades. Nesta experiência de interseção de culturas o emigrante relata estratégias e planos que auxiliam a "fazer a América". Estas estratégias envolvem ações que são relatadas nas cartas como: trazer a namorada, esposa ou os pais para ajudar a "aguentar a barra", avaliar a sua situação na América, refletir sobre o projeto ao emigrar, planejar o retorno.

O retorno à situação inicial não é tão claro como nas histórias onde ocorre um desfecho, um final. As cartas e o próprio trabalho de campo revelaram-me que o retorno à situação inicial seria o grande mito daquele que emigrou, pois mesmo quando retorna ao Brasil, "nada é como antes". As pessoas, tanto aquelas que partiram como as que ficaram, participaram de uma experiência que transformou suas vidas e que coloca uma situação em aberto quando ocorre o reencontro - seria uma "carta aberta" na qual ainda não sabemos o que vai ser escrito, nem vivido. Nesta sequência narrativa, as cartas, assim como a vida dos emigrantes, não terminam como as histórias, à medida que sendo relatos da vida cotidiana não possuem um desfecho, um final. As cartas contam trajetórias de vida em curso e diante delas sempre temos a sensação de algo inacabado que está por vir como uma nova mensagem.

Tanto para os "velhos" como para os "novos" migrantes as cartas trazem lembranças e tornam-se memória viva desta experiência.

Ao final da leitura de cada conjunto de cartas ficou sempre uma sensação de vazio, me perguntava: o que viria depois? Na verdade fiz um recorte no tempo, pois a correspondência continua ocorrendo. As cartas não estão numa caixinha, enroladas como se as histórias estivessem encerradas e amarradas com laços de fita como as cartas de amor. Abrir e ler cada carta foi mergulhar em trajetórias de vida que ainda estão em aberto e a cada momento, uma nova carta, um retorno ao Brasil ou aos EUA pode modificá-las.

Ao analisar as cartas dos emigrantes, seus relatos sugeriram que o processo migratório desterritorializa os sujeitos, tirando-lhes as referências conhecidas. As cartas ajudariam a perceber esta desmontagem. Neste sentido, ao organizar as cartas em núcleos temáticos busquei elaborar uma cartografia da emigração no sentido proposto por ROLNIK E GUATTARI (1986:13), onde os relatos dão pistas... linhas... as linhas foram surgindo: puxei algumas, deixei outras de lado. Delineou-se uma cartografia. Cartografia aqui, significou remapear os sentimentos que apareciam nas cartas.

Para os limites deste artigo, apresentarei apenas alguns dos temas enfocados que permitiram-me reconstruir a trajetória dos emigrantes: as primeiras impressões da América, as várias saudades do Brasil, o trabalho as dificuldades de fazer a América, as relações familiares, os projetos de retorno. Assim poderemos desvelar este imaginário através de relatos que no limite expressam, o impacto da migração para aqueles que partiram e para aqueles que permaneceram.

## AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA AMÉRICA ...do encantamento à solidão

O mapeamento começa com o impacto da chegada. Os emigrantes de todos os tempos relatam com sentimentos intensos de emoção, alegria, temor da imigração, a chegada e a decepção com cidades frias sem vizinhos, o impacto da diferença.

Dos imigrantes que vieram para o Brasil no início deste século, aos que emigram hoje para os EUA, fazer a América significa a realização de um sonho, uma utopia de ascensão social, de liberdade, de uma nova vida. Sakurai (1993), exemplifica estes desejos ao analisar romances(6) sobre a migração japonesa:

E por que você não vai para o país estrangeiro? Lá tudo é possível, a terra é rica e não falta trabalho para ninguém.. Dizem que lá os costumes são diferentes, os pais não são tão severos como os nossos e as mulheres são muito independentes. Quem sabe até se, convivendo com aquele povo, o meu pai não mudará um dia de opinião? (MUKAMURA, 1988:17 apud SAKURAI, 1993:41)

Este trecho, assemelha-se às cartas dos emigrantes valadarenses, pois revelam sonhos, desejos, estranhamentos de emigrantes de todos os tempos e, por isso, inicia esta cartografia. São impressões de viagem que descrevem o impacto da chegada enfatizando a diferença e convidando para ir à nova terra - " a terra de oportunidades", os EUA.

O momento da chegada revela a realização da utopia presente no imaginário do Braçuca, devido aos vários relatos que ouviu de outros emigrantes. Os sentimentos que descrevem a chegada são de deslumbramento, liberdade, alegria, vitória, vida nova. Ao mesmo tempo começam a perceber as diferenças entre estar nos EUA e no Brasil.

É realmente uma experiência maravilhosa. Aqui tudo é diferente. Do carteiro até o povo, casas de madeira parece velha por fora, mas por dentro parece com casa de rico (...). Aqui [cidade onde se encontrava próxima a New York] tudo é muito triste e feio a impressão que se tem é que é tudo abandonado, nem uma pessoa na rua, não se anda a pé, há uma tristeza característica no lugar. (...) realmente ninguém tem idéia do que é a América ... New York é linda, mas muita gente feia e crioulo bobo ! (José Antônio- carta destinada à esposa)

" Aqui tá massa, cheguei dia 10-09 aqui em New York, dia 11-09 fui dá umas voltas e conhecer Manhattan, é massa bicho aqueles predinhos de 116 e 120 andares, o central parque é grande para caramba e é lindo, a 5 avenida é indecente, mas o resto é diferente, também subúrbio o que que eu queria também, né? " (José Mário - carta destinada ao amigo - 16.09.85 )

Agradeço as orações da senhora e a ajuda dos demais que tornaram possível a minha vinda e ajudaram a dar um novo sentido a minha vida, graças a Deus, sei que vou enfrentar muitas dificuldades (...) as fantasias os sonhos de grandes salários que criamos acabam quando chegamos aqui... Precisa do inglês e da carteira de motorista "(José Carlos, carta destinada a mãe 25-12-88)

As palavras utilizadas para descrever as cidades como New York - maravilhosa, indecente, massa, linda - evidenciam este encantamento com a modernidade e revelam este impacto. Há também um sentimento de vitória, à medida que percebem a "América" como uma perspectiva de mudança de vida, vitória da liberdade, dar novo sentido a vida, são expressões que indicam este sentimento e esta esperança de vida melhor. Neste momento, a "América" é a realização da utopia.

Entretanto, à medida que caminham pela cidade começa o desencanto, vão descobrindo outros lados - o subúrbio - onde o emigrante vai morar como tantos outros migrantes. As cartas vêm endereçadas do Bronx, outras de Queens, bairros que concentram outras etnias imigrantes .

Nas cartas aparecem poucas referências a outros grupos étnicos, no entanto, quando estava em trabalho de campo nos EUA, pude entender o porquê da afirmação de José Antônio acerca de "crioulo bobo". Vários emigrantes falaram-me a mesma coisa logo que cheguei nos EUA. " Aqui os negros são todos metidos, andam com aqueles aparelhos de som no metrô e ninguém mexe com eles, são muito preconceituosos, têm a loja de roupa deles, programas de TV só para eles". Esta visibilidade para alguns brasileiros incomoda, pois ao afirmarem sua distintividade o negro torna-se, "metido a besta" revelando nos EUA o preconceito que afirmam não existir aqui. É interessante observar que o emigrante brasileiro em geral, diante dos padrões americanos de classificação étnica, não é branco, e este não gosta de ser classificado nem como negro, nem como latino.

É no campo das relações sociais que este impacto transforma-se em tristeza e solidão: a ausência de vizinhos, amigos, a diferença do povo americano. Ao perceber que as redes de sociabilidade não são como em sua cidade, o emigrante classifica as cidades como tristes e vazias. Neste momento, a família torna-se importante ponto de apoio como veremos nos tópicos a seguir. A América, enquanto terra de oportunidades, aparece

árida, sem rede de relações, solitária, inóspita e o emigrante se sente só. Os sentimentos de depressão, o choro, o desejo de voltar explicitam este desencantamento.

Quando cheguei achei tudo maravilhoso e tudo para mim foi festa, mais depois quando você conhece bem vê que as coisas são muito difícil, falta o inglês documentos adequados, ajuda dos amigos que você nunca tem de verdade, a solidão. (Maria Cristina carta destinada a pesquisadora dez 1993)

As cartas revelam como este lugar aparentemente familiar - através das fotos e relatos de outros emigrantes - foi se mostrando estranho, desconhecido. As idéias que possuíam da América são contrastadas com a realidade. No relato do próprio emigrante, é o fim da fantasia.

Acho que você sofreria muito aqui. Não tem amizade, vizinhos nem se conhece, não pode dar confiança para brasileiro. Acho que você não se adaptaria neste lugar, é melhor sentir minha falta que sofrer por aqui, apesar de querer você aqui comigo (José Antônio carta destinada à esposa 11.05.85)

Nesse momento de desencanto, a terra da utopia, América, começa a transformar-se num lugar difícil de viver, devido a esse sentimento de estar fora de seu lugar. O fato das pessoas se encontrarem numa outra cultura sem o conhecimento da língua, na condição de trabalhador ilegal, e sem os documentos adequados, a concorrência com outros imigrantes por trabalho expõe a realidade de ser estrangeiro e ilegal. "Fazer a América" não será como nos sonhos que antecederam a partida. Neste momento, surge o desejo de trazer alguém do Brasil para ajudar a aguentar a barra, a solidão, a saudade.

Dessa forma, as narrativas, ao mesmo tempo que evidenciam um deslumbramento com a modernidade americana, beleza das cidades, a altura dos edifícios, destacam a solidão destas grandes cidades onde não conhecem ninguém, onde as ruas ficam vazias à noite, onde se sentem sozinhos e anônimos. Ninguém sabe o que é a América até chegar aqui.

Embora em alguns destes relatos apareça a decepção, ao enviarem um cartão postal as imagens escolhidas são aquelas que os encantam: as belas e luminosas cidades, o outono, a neve. O postal traz esta imagem para quem está em Governador Valadares. Foi interessante quando entrevistava os pais, perceber a familiaridade com que falavam de lugares que não conheciam. Este é um dos traços da globalização cultural, que diminui as distâncias e aproxima localidades distantes. As fotos, cartões postais bem como as imagens veiculadas pelo programa Conexão USA, onde são mostradas as principais cidades às quais se destinam os valadarenses, contribuem para esse imaginário cambiante faça parte do cotidiano daqueles que ficaram.

A cidade é muito bonita no verão fica tudo movimentado parece Guarapari(7). (Maria Marta - carta destinada aos pais agosto de 1991)

Conforme salientou BIANCO(1993:53), o impacto do novo, muitas vezes é dramático, como no caso das emigrantes portuguesas que, sendo camponesas, têm que se adaptar ao ritmo do trabalho fabril na América. Nesse contexto, os emigrantes começam a lembrar-se da terra natal como utopia, esquecendo-se por vezes, dos limites que os fizeram migrar. O sentimento de saudade da terra natal, ao mesmo tempo que proporciona significados às vidas marcadas por mudanças abruptas, representa uma estratégia para resistir à imersão total no tempo industrial.

No caso dos emigrantes brasileiros, a experiência na América também é dramática, à medida que se depara com outros padrões de comportamento, com a "frieza americana", os valores diferentes, outras condições de trabalho e moradia - morar em apartamentos com várias pessoas, trabalhar lavando pratos, engraxando sapatos, cuidando de crianças, serviços que não faziam no Brasil, sem tempo para descanso, pois são 12 a 15 horas de trabalho por dia, é também traumático. Este desencanto contribuirá para transformar a terra natal em utopia - a saudade é o sentimento que permeará os dias do emigrante valadarense e tornando-se quase um lamento que acompanha cada dia, transformando-se em desejo de voltar ao Brasil.

## AS VÁRIAS SAUDADES DO BRASIL

As cartas dos emigrantes estão carregadas de saudade! A palavra saudade aparece em todas as narrativas, tanto de homens como de mulheres. Nas cartas, a palavra saudade permeia toda a narrativa desde o início após as saudações ou na conclusão, quando se pede notícias do Brasil, este sentimento navega por todas as linhas ligando lugares e pessoas ao longo da carta.

As cartas que foram analisadas estavam endereçadas em sua maioria para as mães. Esse dado aponta para a importância da mãe como aquela que centraliza as relações familiares e indica distintas funções de gênero na migração pois, se as mulheres circulam a informação são os homens que administram os dólares e outras decisões como veremos a seguir. Esse dado confirmou-se ao longo do trabalho de campo pois, quando me dirigia a casa dos pais dos emigrantes para conversar com eles sobre a experiência de seus filhos, mesmo com o pai presente, era a mulher que contava com mais detalhes as experiências dos filhos, seus planos e suas dificuldades. Apenas um pai conversou comigo, pois sua esposa e filha encontravam-se nos EUA.

No caso das mulheres, tanto as solteiras quanto as casadas, o sentimento está mais direcionado à família, aos pais, particularmente à mãe, tanto nas cartas que pedem colo, quanto naquelas que estruturam a vinda da mãe para "dar uma força", isto é bem evidente. As mulheres solteiras ao escreverem para os pais, falam pouco de sua vida antes da emigração.

Nas cartas escritas por homens, principalmente os jovens, quando solteiros e nas cartas escritas aos amigos, além da alusão à família, aparecem os amigos, as farras na cidade, as namoradas e o Brasil. No caso de José Júlio e José Mário, que emigraram solteiros e pouco mais de 18 anos, as gírias e a saudade das farras estão explícitas nos relatos. No caso dos homens casados, a referência é à saudade da esposa relacionando-a ao sentimento amoroso, ao temor da perda, ao pedido de espera, ao desejo. Como compreender este sentimento? o que nos revela sobre a experiência migratória?

Saudade é uma palavra que define um estado d' alma e um sentimento de dor, de angústia, de nostalgia provocado pela distância, pela ausência, pelo desejo de estar num outro tempo e lugar. Saudade é uma palavra da língua portuguesa que foi incorporada à cultura brasileira, palavra que afirmamos com orgulho só existir em nossa língua (DA MATTA, 1992). Desta forma sentimos saudade da infância, do primeiro amor, da comida da mãe, de pessoas, lugares e eventos.

As palavras recorrentes nas cartas que aparecem associadas à saudade são: família, Deus, esposa, amigos, Brasil, farras, futebol, mulheres, aniversários, expectativa de reencontro. Os sentimentos que aparecem junto a essas palavras são depressão, baixo astral, tristeza, impotência em relação a distância, sofrimento, amor.

... Só falta a senhora aqui perto da gente , a saudade que sinto é muita parece que vai mim sufocar, parece que vai me tirar o ar, a distância parece não ter fim, as vezes penso que estou no fim do mundo, mais sei que não é, e sei que tenho a senhora cada vez mais perto do meu coração (Maria Cristina carta destinada à mãe 22.07.92)

Saudade, Baixo astral devido a mais um natal sem vocês (...) Assim esta o meu coração partido no meio e preto de saudades por viver em busca de um futuro melhor para voceis (José Felipe carta destinada à esposa Natal de 1990)

Que saudades eu sinto de tudo por ai bicho, você, a tchurma, Igreja, week-ends, antárticas, bate-papos , a family, mano, zona metropolitana de G.V. [Governador Valadares] BRASIL (grifo do autor) É , é a vida. " (José Mário - carta para o amigo 06-05-86)

Hoje foi jogo do BRASIL com a Costa Rica e eu só fiquei pensando na festa que estão fazendo aí, e claro aumenta a saudade de voces ( José Mario carta destinada à mãe - jun 1990)

Os dias de jogo do Brasil são realmente de muita emoção. Acompanhei a torcida de José Mário e seus amigos no jogo da classificação do Brasil para a Copa de 94. Os depoimentos aproximam-se das cartas, pois estes emigrantes, como outros brasileiros, têm sua identidade nacional afirmada quando o Brasil joga e vence em alguma coisa somos bons, quando o Brasil vence é como se nós ganhássemos, mas ao mesmo tempo dá uma saudade, uma vontade de estar naquela festa no Brasil, aqui americano não liga para futebol. (José Mario depoimento em dia de Jogo do Brasil, 19.09.93)



Quando estava escrevendo sobre este sentimento, já em Florianópolis, ligou-me um amigo que havia reencontrado em Boston. Neste dia, estava eufórico, orgulhoso, o Brasil havia ganhado o tetra-campeonato mundial de futebol. Na ocasião, contou-me o que tinha feito o possível para, pelo menos, ouvir os jogos quando tinha que trabalhar e da experiência de assistir a um jogo nos EUA foi demais disse-me ainda que: uma mulher passou por mim na rua e gritou BRASIL, eu sorri e gritei também, era uma americana, mas os americanos gostam muito do futebol brasileiro e neste dia eu fui trabalhar feliz, pois aqui só sai notícia ruim é o Vigário Geral, a chacina da Candelária, a morte do Senna, que deixou a gente muito triste e de repente com esta vitória a gente volta a sentir orgulho de ser brasileiro, no meu trabalho todo mundo me cumprimentou e aí, bate aquela saudade...

Eu morro de saudades de tudo isso cara todos os dias não tiro o Brasil da cabeça só penso nos amigos, família e nas mulheres é claro mas tudo bem eu volto um dia, não sei quando, mais volto (José Júlio carta escrita para o amigo 01.92 )

Falar da saudade traz o pedido de espera... de não ser esquecido... A saudade alimenta o desejo e o sonho da volta... senti-la é demonstrar para aqueles que estão aqui que o tempo não passou. O estranhamento, e talvez um certo vazio, acontece quando o próprio emigrante percebe que os seus sentimentos vão se modificando.

Sabe bicho eu tava ouvindo a fita K-7 que você e o pessoal me mandaram no ano passado e sente uma coisa estranha. Depois de um ano as únicas pessoas que eu realmente sinto falta são; você, fulana, ciclana, e Beltrana (...) O lance de que a distância e o tempo não separam é papo furado... Um ano passa rápido (José Mario - carta destinada ao amigo em 17.09.86)

É com muitas saudades que lhes escrevo para das as nossas notícias que espero em Deus-E-e agora em diante sejam melhores, por que tenho passado tempos difíceis (Maria da Conceição carta destinada a mãe e irmã 03 de maio de 1992).

As fitas K-7, fitas de vídeo e fotos são utilizadas pelos emigrantes como outros recursos narrativos. No caso da fita de vídeo, ela traz a imagem do Brasil para os EUA e vice-versa. Fitas de aniversários, casamentos, da própria obra no Brasil são freqüentemente enviadas aos emigrantes que sempre se emocionam ao vê-las. As fotos também representam esta ligação. Era com muita emoção que emigrantes, quando mostravam fotos de seus pais ou sobrinhos falavam olha como ele está crescendo ou como meu pai está envelhecendo, olha o Ibituruna (Pico da cidade) como está verdinho! " Da mesma forma, pude observar na casa dos parentes fitas enviadas dos EUA da vida cotidiana lá. Reviver estes rituais, mesmo que através de fitas, é muito importante para os emigrantes como demonstram os relatos a seguir:

Mamãe querida eu vi a fita do seu aniversário e chorei muito com muita saudades da senhora e de todos vocês, dos meus filhos, netos, sobrinhos, cunhados nem sei se um dia voltarei a vê-los de novo, só Deus sabe (Dulcinéia carta destinada a mãe 16.04.90)

Diz para Gildete mandar fotos dos meninos para mim estou com saudades e o afilhado lembra da madrinha? Eu amo muito todos vocês, adorei as fotos que a senhora mim mandou, so a saudade aumenta cada vez mais.(...) Quanto maior a distância maior a saudade. (Maria Cristina carta destinada a mãe 23.01.92)

Eu estou louca de saudade se eu pudesse ir junto com essa carta, mas não posso e senhora sabe disso, quem sabe consigo trazer a senhora aqui é bem mais fácil do que eu ir aí, a senhora viria? (Maria Cristina - carta destinada à mãe - 02.03.92)

Em vários relatos aparece a referência a Deus, assim como no início das cartas estas alusões demonstram a importância da fé como sustentação espiritual para a permanência na América. Estes são indicativos da importância da vida religiosa como uma das formas de apoio encontradas pelo emigrante. Estas referências puderam ser confirmadas também no programa Conexão USA. Um dos blocos deste programa foi dedicado às Igrejas protestantes. Nos EUA, os emigrantes encontram apoio das Igrejas para agüentar a solidão, muitas delas auxiliam a arranjar emprego e ajudam nos primeiros meses. Os emigrantes dizem que a Igreja ajuda a" suportar a solidão e também não se voltar para a droga ou perder a cabeça, pois nos EUA tem de tudo relatou-me uma mulher que trabalha com a comunidade católica em Boston. Neste ponto, a ausência, a saudade, transformam-se também em saudade da fé.

passei a noite chorando e clamando pelo senhor ainda resta tristeza... sinto saudades da Igreja, saudades do senhor, necessidade de Jesus, sinto que é o ministério que me espera.. Alguma coisa ainda não foi liberada(José Antonio carta destinada a esposa 15.06.86)

Em alguns relatos a saudade é associada a um sentimento de provação das relações amorosas e familiares. Ao falar da ausência BARTHES (1981:27) afirma que:

todo episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objeto amado - quaisquer que sejam a causa e duração - tende a transformar a ausência em prova de abandono.

O emigrante quando fala da saudade, que traz a presença de quem está ausente de forma tão sentida, coloca em "cena" esta transformação sugerida por BARTHES. Neste sentido quando pedem à esposa(o), namorada(o), aos familiares que esperem por sua volta que suportem a ausência, que não os abandonem, e as cartas revelam este medo de ser esquecido ou abandonado.

Estou distante mais vocês estão presente em minha mente a todo instante (José Felipe carta destinada a esposa 1991)

Querida , eu amo você. A saudade está presente a todo instante. Penso medito, vivo, você. Te amo, te adoro, te quero para sempre. Tenho vivido esmagado pela saudade. Sei que você sabe o que estou passando porque tenho certeza que o mesmo passa com você (José Antônio carta destinada à esposa, 26.04.86)

Cada um que viaja para o Brasil quase nos mata de saudades e tristeza, é muito difícil...Outro dia achei um mapa olhei, coloquei o dedo sobre Governador Valadares, meu coração bateu forte, muito forte: resumo: NÃO CONSIGO VIVER SEM VOCÊ. Queria pelo menos sentir seu cheiro(José Antônio carta destinada à esposa 15.05.86).

Os dias passam, a saudade aumenta, hoje é sexta-feira, contei os dias e passaram apenas 07 dias; meu deus!... E agora? Fico ou vou? R: - Moralmente tenho que ficar. Estou lutando para ficar preciso ficar. (José Antônio carta destinada a esposa 11.05.85)

A saudade tem me machucado dia e noite .. Fecho os olhos e penso em você...Tenho muitas lindas recordações....Sabe naquelas duas últimas noites você foi demais! Ainda vivo as emoções das duas últimas noites, você foi demais!Ainda vivo as emoções daquelas horas ( José Antonio carta destinada à esposa , 06.87)

A saudade dos emigrantes de suas esposas, relatadas de forma tão emotiva por José Felipe e José Antônio, revelam este temor de ser esquecido quando ausente, estão cheias de desejo, e pedem a correspondência, a promessa de reencontro breve. Estas cartas amorosas foram o ponto de partida para que fosse se delineando os "Fragmentos do discurso amoroso" (Barthes, op.cit) onde a carta de amor traz o desejo de não ser esquecido, " como desejo, a carta de amor espera sua resposta; ela impõe implicitamente ao outro de responder, sem o que a imagem dele se altera, se torna outra". (Etimologia segundo FREUD, apud BARTHES, op. cit: 33)

Pode-se ainda dizer que as cartas explicitam um sentimento de amor romântico(8), ideal que permeia os casamentos e relacionamentos amorosos em nossa sociedade, onde a aliança com um outro significa a busca da felicidade, da alegria, da ternura e do amor. Por isso, a ausência é vivenciada de forma tão dolorosa, as pessoas sentem-se "esmagadas" pela saudade e pelo desejo do emigrante de estar próximo à pessoa amada. É interessante ressaltar que as cartas escritas pelos homens são muito carinhosas, sensuais, carregadas de sentimento, o que muitas vezes se considera uma atribuição do gênero feminino. Nos EUA, entre outras coisas ,os homens se descobrem frágeis e por que não dizer sensíveis(9). Ouvi de alguns homens nos EUA depoimentos comoventes, sentimentos que em nossa cultura, muitas vezes, não são expressados porque "é coisa de mulher". Quando estava na casa de José Júlio ele disse-me o seguinte:

"A vida aqui não seria nada sem Maria...., Quando cheguei aqui fiquei louco de saudade trabalhei feito um louco juntei o dinheiro e mandei para ela vir ....combinamos o seguinte: se ela não passasse na Imigração eu estava com dinheiro no bolso e a mala pronta para voltar para o Brasil. A gente aqui fica muito sozinho, a

saudade machuca, eu fiquei muito chorão, me aproximei mais da minha família e faço tudo por ela. Hoje eu digo para minha mãe e para os meus pais que os amo e choro quando falo com eles ao telefone (...)"

telefone e saudade . Amanhã nosso dia D. estou contando as horas, os minutos porque minha vida não é completa sem você. Já estou sentindo o cheirinho de casa, sei que muito em breve estaremos juntos aqui ou aí não sei , oremos. (José Antônio carta destinada a esposa 93)

Este sentimento provocado pela distância do Brasil faz com que os emigrantes recriem uma idéia mítica do país e neste caso, de Governador Valadares. Esta saudade explica certas atitudes - os inúmeros telefonemas para o Brasil e os retornos temporários para matar as saudades - ou, quando isso não é possível, levar os parentes, normalmente os pais (que não pretendem emigrar, apenas dar o apoio aos filhos), para ajudar a agüentar a barra". Estas atitudes, às vezes, vão contra a racionalidade econômica desse projeto pelos gastos que representam, demonstrando a importância das relações familiares para realização do mesmo.

Como analisar este sentimento? Existiria diferença da saudade portuguesa?

Fernando Pessoa, grande poeta português, disse certa vez que os portos são lugares repletos de saudade. Desta forma, a saudade é explicada como produto da experiência empírica da nação portuguesa, que desde o séc XV constitui-se como uma nação de viajantes, daqueles que partem, que emigram e cada porto definiria este sentimento português de ausência, de saudade da terra. Assim, a nação portuguesa constituiu-se como Nação espalhada pelo mundo - uma nação de emigrantes. A saudade é vista como elemento constitutivo da identidade portuguesa, sentimento que é utilizado não apenas pelos imigrantes quando se referem nostalgicamente a experiências anteriores a emigração, mas pelo próprio Estado português.

Como demonstrado no vídeo de FELDMAN-BIANCO, denominado Saudade, ocorre uma reinvenção da saudade por parte dos emigrantes e na própria política do governo português de construção da identidade nacional. Esta perspectiva de tratar o emigrante como cidadão português em qualquer lugar do mundo é recente e acompanha as transformações do mundo contemporâneo, o processo de globalização. Nesse contexto, criar uma nação desterritorializada foi o caminho encontrado pelo governo português para integrar o emigrante e garantir não apenas a identidade linguística e cultural, mas a cooperação econômica e os investimentos dos emigrantes no país de origem. FELDMAN-BIANCO (1992) analisa esta reconstrução da identidade portuguesa pelos imigrantes nesta experiência de viver entre culturas. Esta perspectiva de análise da saudade coloca-a não como um sentimento de ligação ao passado, mas como rearticulação do passado com o presente. Desta forma, os portugueses utilizam-se de suas memórias anteriores a experiência migratória para viverem numa outra cultura ainda como portugueses.

Se a saudade dos portugueses, de sua terra, está relacionada a experiência empírica de cruzar os mares desde o período das grandes navegações o que dizemos da saudade dos brasileiros que não tinham a experiência empírica de emigrar?

Segundo DA MATTA (1992), os vários conceitos portugueses ao evocarem a experiência empírica como constitutiva do sentimento de saudade não perceberam a sua capacidade performativa, que significa que tal como as palavras de ordem, as senhas, os juramentos, as pragas, as promessas - ao ser dita ou invocada, promove e implica um fazer, um empenho, uma perspectiva ou um compromisso, definindo um estado interno e permitindo ou desculpando uma ação externa. Por isso, propõe analisá-la como categoria sociológica, subvertendo os argumentos de fundo utilitário que afirmam que não são as experiências individuais e fragmentadas do amor, da viagem e da ausência que constituiriam a saudade, mas o inverso, a existência social da saudade que possibilita a sintamos. Tal perspectiva explicaria melhor o sentimento de saudade à brasileira.

Na cultura brasileira a saudade não está relacionada a experiência empírica da emigração, uma vez que a emigração é um fenômeno recente em nossa história, pois sempre nos caracterizamos por atrair imigrantes.

Quando pensamos nos sentimentos relacionados à saudade, as primeiras lembranças que temos nos remetem ao banzo, sentimento mortal dos negros africanos de saudade de sua terra. É claro que este sentimento é diferente do emigrante, que parte por vontade própria e não na condição de escravo, mas o banzo, assim como a saudade, ajudaram a construir socialmente este sentimento na nossa cultura.

Portanto, o emigrante ao contar os minutos para reencontrar-se com a esposa, ao sentir saudade quando alguém parte para o Brasil, ao ter saudade da comida da mãe, ao ter saudade dos amigos, das farras e das mulheres, está vivenciando uma experiência universal em nossa cultura. Conforme DA MATTA (1991), a saudade nos fala de um tempo por dentro, que sentimos e por isso trazemos de volta com certa nostalgia e mitificação os tempos passados. Neste sentido, ouvir um brasileiro falar do Brasil, da família, das relações pelas cartas é fazer esse diálogo idealizado que constrói o projeto de retorno, o desejo de voltar ao Brasil que é o país para se viver. Neste ponto, a terra natal surge como utopia e reinventa nossa identidade.

O programa Cantinho Brasileiro, realizado pela mesma equipe do Conexão USA, e exibido nos EUA ( Rádio Televisão Portuguesa) e no Brasil, retrata bem esta reinvenção da terra natal ao falar dos brasileiros e a convivência com a saudade. Nas entrevistas realizadas os sentimentos são semelhantes aos relatados nas cartas - solidão, tristeza, comparação com o povo americano. E nos relatam a importância das cartas e telefonemas como solução para matar a saudade. Um destes relatos traduz bem a ambiguidade do emigrante na América aqui a única coisa que ultrapassa a saudade, é o trabalho .

Para amenizar esta situação que pode causar tique-tique nervoso (música tocada no programa), a jornalista sugere que se pegue retratos da família, escreva uma carta, ou ouça música que deixe alegre. As lembranças do país de origem tornam-se portanto, uma forma de religar com a terra natal. O programa encerra com várias imagens do Brasil. As imagens são de lugares que constroem nossa identidade nacional como as cataratas do Iguazu, o Pantanal, as praias...E o olhar do emigrante carregado de saudade se perde nessas imagens....

Assim, para matar a saudade o emigrante faz do telefone sua outra ponte de ligação com o Brasil.

## A VIDA COTIDIANA NOS EUA

### TRABALHO

A primeira preocupação de quem chega aos EUA é arranjar trabalho, pois as dívidas ficaram no Brasil. Ao escrever sobre o trabalho, os emigrantes fazem com que aqueles que ficaram participem de sua luta e angústias nos períodos de pouco emprego. Estes emigrantes, em sua maioria, como outros grupos, são trabalhadores ilegais, não possuem documentação que autoriza a trabalhar, e o conhecimento de inglês é mínimo.

... comecei a trabalhar no dia 11 de janeiro, é uma americana com um filho de 1 ano e meio divorciada, entrei ganhando só 125 dólares por semana, mas ela já me disse que vai aumentar Estes 3 meses atras posso dizer que quase nada ganhei fiquei 15 dias em Boca Raton na casa de um casal de Valadares trabalhei na noite de Natal e na noite de ano novo e não recebi até hoje (...) então a mulher que minha amiga trabalha arranhou esta casa. (Maria Conceição carta destinada à mãe 30.01.88).

... Aí dia 13.09 comecei a trabalhar o serviço é na peixaria onde meu amigo trabalha, aí dia 17 um outro amigo nosso arranhou emprego num big supermercado de varredor da parte de frutas e verduras (José Mário carta destinada ao amigo em 1985)

Hoje fui olhar emprego. Começo a fazer texte para ver como é de 21:00 vai até 07:00hs. (...) Carro aqui não é luxo. A 1 pergunta que me fizeram quando arranhei emprego é se eu tinha carro, já pensou? Inicialmente

pagam US\$ 120,00 por semana até eu fazer 8h completas depois dará uma faixa de US\$200,00 a US\$250,00. (José Antônio carta destinada à esposa, 05. 85)

Os Brazucas submetem-se a trabalhos que oferecem: salários baixos e longas jornadas, que muitas vezes são noturnas e ocupam os finais de semana. O emigrante é o trabalhador típico deste segmento porque geralmente não possuía documentação necessária para trabalhar. No caso dos valadarenses, pelas descrições nas cartas, tanto homens como mulheres fazem parte deste mercado. As cartas portanto, confirmam as informações de alguns estudos sobre os novos migrantes. (MARGOLIS; 1994, PORTES; 1990, SALES: 1992 e RIBEIRO: 1992).

Geralmente os emigrantes espalham-se pelos setores de serviços gerais ou de limpeza. Os restaurantes concentram vários desses trabalhadores, pois pagam em média US\$ 5,00 a hora e existe uma convivência com trabalhadores indocumentados e social security falso.

Segundo relatos que obtive nos EUA, nos restaurantes os emigrantes vão trabalhar "atrás da Linha", na disha (máquina de lavar pratos) , na preparação (cortar e separar legumes e verduras) e, à medida que vão aprendendo o inglês, podem ir avançando na hierarquia e chegar até o caixa ou a servir, o que significa também aumento de salário.

Todos os emigrantes, dos quais disponho cartas, eram trabalhadores assalariados no Brasil. Embora tivessem em sua maioria, pelo menos o nível secundário e alguns nível universitário, todos foram para o mercado de trabalho secundário nos EUA, não exercendo as mesmas colocações que exerciam no Brasil. Nos EUA, encontrei também os profissionais qualificados que estavam fora de suas habilitações. Um faxineiro com o qual conversei, no Brasil tinha sido engenheiro de uma estatal, secretárias executivas tornaram-se faxineiras, ex-bancários, ex-professores, ex-comerciantes todos fora de suas funções.

Esta mudança de função entretanto, não significa para o emigrante mudança de status social. Quando estive nos EUA, esta contradição tornou-se evidente, pois nas cartas a comparação, quando ocorre, é sempre em relação ao Brasil. Esta questão é reveladora, pois sendo os emigrantes em geral de classe média, média baixa, estes têm que aprender a limpar banheiros, lavar pratos, roupas, cozinhar, serviços que não faziam no Brasil, principalmente os homens. Nas camadas médias brasileiras, onde ainda se utiliza de trabalhadores domésticos, herança de nossa sociedade escravista, este choque é ainda maior.

Esta questão já abordada por SALES (op.cit) e MARGOLIS (op. cit) revela que para o emigrante é muito difícil reconhecer sua mudança de condição social, quando passa a realizar serviços que no Brasil não fazia e que são vistos socialmente com desprestígio, são "revalorizadas" nos EUA. "Os produtos de limpeza americanos são ótimos", "limpeza de americano é mais fácil", "algumas disha são boas, a gente não tem contato direto com a comida", "no trabalho sou emigrante, mas quando saio sou uma pessoa como outra qualquer" ou ainda o reconhecimento de como é difícil adaptar-se ao trabalho, são sentimentos contraditórios que os relatos e as entrevistas evidenciam. Segundo os relatos, as humilhações sofridas têm como compensação o fato de que ganham com estes serviços o que jamais ganhariam no país de origem com suas profissões e a possibilidade de ascensão social no Brasil através dos investimentos realizados na terra natal .

Este dado é significativo à medida que, os emigrantes constroem culturalmente uma dignidade para serviços que eram vistos no Brasil com desprestígio social. Ouvi de várias pessoas a afirmação que nos EUA tinham uma profissão - trabalhador de lavanderia, ou que aprenderam a ficar mais humildes, que choravam nos primeiros dias que limpavam mesas para servir. Há portanto, uma mistura de orgulho por estarem na "América" realizando seus projetos e de vergonha pela condição em que se encontram.

Os vários relatos demonstram que, para conseguir trabalho, sempre ocorre a interferência de alguém com mais tempo de América e que indica àquele que chegou qual o melhor caminho, ajudando na procura de emprego. Esta estratégia é diferente de outros brasileiros emigrantes, como por exemplo os Dekassegui, que emigram para o Japão com os contratos de trabalho realizados com pequenas e médias firmas Japonesas e os emigrantes (MORI,1992:141).

A Maria Conceição continua em seu trabalho,a Dulcinéia trabalha numa lavanderia, a Eliane arrumou na mesma lavanderia para começar daqui a uns dias, o salário da Dulcinéia é \$200,00 por semana e da Eliane vai

ser o mesmo, o dá Maria Conceição é \$150,00, só que é livre não gasta com transporte, comida e dormida(...) eu realmente estou ganhando pouco , por ser homem e pelos serviços que tenho feito. (José Carlos carta destinada a mãe 18.01.90)

Através das cartas ficou claro que a rede de migração atua de maneira informal, o auxílio é prestado por um amigo ou parente. Por isso, quem chega geralmente começa a trabalhar no mesmo serviço de quem o acolheu. Esta rede de apoio informal é responsável pelos emigrantes arranjam emprego rapidamente quando chegam. Há aqueles que, quando estão retornando ao Brasil, vendem seu serviço, ou melhor, os clientes. Isso acontece particularmente com os serviços domésticos, onde as faxinas são passadas àqueles que vão ficar pelo valor médio de US\$ 2.000,00.

As mulheres, ao descreverem os seus trabalhos, evidenciam a concentração desse contingente principalmente no serviço doméstico: limpeza de casas (house clean), cuidado de crianças (baby-sitter), arrumadeiras em hotéis (house Keeper) e também aquelas que trabalham como garçonetes (bar-maid) e go-go girls (dançarinas em night clubs) confirmando as observações de MARGOLIS (1994:122).

comecei a trabalhar no hotel Harboview como house Keeper (limpeza de quartos). A minha supervisora me adora (...)Trabalho todos os dias (menos segunda-feira) de 09:00hs até 15:00 ou 16:00hs. Eles pagam 06 dólares a hora. Estou gostando muito só no início meu corpo sentiu achei que não fosse aguentar mas Deus me sustentou. ( Maria Marta carta destinada a família 27.06.91)

Agora comecei a trabalhar num outro hotel chamado Regency; trabalho demais tem dia que faço 15 quartos, ou seja, arrumo 30 camas, lavo 15 banheiros, tiro poeira em 15 móveis.. Saio de lá quebrada(...)Quero arranjar outro serviço para a noite, porque quero ir embora no final do ano (Maria Marta carta destinada aos pais 07.04.92)

Fiquei sem trabalho fixo por um ano e meio e de último estava morando na casa da Grace e olhando os filhos dela para que ela pudesse trabalhar (...) decidimos trabalhar live-in e assim disfazemos o apartamento e eu consegui este trabalho onde ganho 200,00 dólares livre... Só assim podemos fazer economia ( Maria Conceição - carta destinada à mãe)

Os salários declarados pelas mulheres giram em torno de US\$ 125,00 a US\$ 400,00 semanais. Destes, os trabalhos que pagam melhor são a faxina e as go go girls. Segundo uma go go, numa noite ganha-se no mínimo US\$ 200,00. As faxinas pagam muito bem, tanto que alguns homens estão migrando para este serviço e montando firmas de faxina com suas esposas. Pelos relatos, constata-se que os períodos de trabalho e desemprego oscilam e a falta de emprego fixo é um problema para quem tem projeto de retornar. Devido a estas oscilações, os emigrantes não conseguem executar o plano de 2 ou 3 anos para o retorno e nem enviar com frequência o dinheiro para a família. Algumas emigrantes, para economizar, optaram por morar live-in (morar dentro) isto significa uma economia, pois diminui os gastos com moradia, transporte e alimentação.

Das profissões exercidas por brasileiros nos EUA, as go go girls, são as que enfrentam maior preconceito, embora sejam as melhores remuneradas,. Isto por que para os brasileiros, ser dançarina de go go e prostituta é a mesma coisa, "as mulheres se perdem"... "não precisa fazer isso para ganhar dinheiro" relataram. Uma mulher que trabalha como faxineira descreveu dessa forma o trabalho e a presença das go go:

" Às vezes, quando tudo fecha vamos ao bar de go go girl. É tudo cheio de valadarense, são essas meninas que querem ganhar dinheiro rápido, tem umas muito escrotas. Você pergunta de onde ela é, e repondem: São Cristovão ou algum bairro pobre de Governador Valadares. Tenho vontade de tirar umas fotos e colocar no Diário do Rio Doce, vê se elas aprendem, é um absurdo!(...) Valadares é conhecida por essas go-go aqui em New Jersey, em vez de vir e arranjar um trabalho honesto, não ficam aí."

O depoimento acima evidencia o preconceito em relação às go go partindo do princípio que não é um trabalho honesto. Para grande parte dos emigrantes , no plano da moralidade, estas mulheres infringiram os valores de recato, honra e vergonha tão significativos às sociedades mediterrâneas(10) dos quais nossa moralidade é herdeira, pois "usam o corpo para ganhar os dólares", quebrando com a conduta que se espera do gênero feminino. Para os emigrantes, tanto homens como mulheres, estas seriam as responsáveis pela "má fama" e desonra de Governador Valadares.

As go go, embora afirmem que é um trabalho como outro qualquer, sentem o reflexo da exclusão quando são abordadas pelos próprios valadarenses ou outros emigrantes, fora do local de trabalho como "mulheres que ganham dinheiro fácil". Por isso, não confiam nas aproximações e acabam escondendo da família no Brasil o que fazem nos EUA.

Observa-se que o fato de ser a cidade lugar de falsificação e montagem de passaportes, contravenções reconhecidas por lei, o que caracteriza uma situação de ilegalidade, tanto de homens quanto de mulheres emigrantes, não é tão significativo para a auto-imagem da cidade, quanto o fato das mulheres serem dançarinas de go go em outro lugar. Colocar a foto no Jornal local, tornar público seu trabalho seria uma forma de recolocar estas mulheres "na linha". Há ainda o preconceito de classe, ao informar que as go go são dos bairros mais pobres da cidade, o que não correspondeu às observações de campo.

Os contatos foram feitos em New Jersey, onde pude conversar com algumas delas. Os trechos abaixo são de entrevistas informais feitas num bar de Go Go. As mulheres, depois de se certificarem que não era jornalista, pediram para que não fossem identificadas e nem fotografadas trabalhando, pois a maioria não revelava aos pais, e procuraram amenizar o preconceito afirmando que o trabalho era "provisório" e que ao chegar ao Brasil logo resolveriam suas vidas.

"Primeiro eu escrevia à minha mãe dizendo que trabalhava com faxina ou de baby-sitter, mas com o tempo eu acabei contando à ela, não me prostituo apenas danço na passarela (Diário de campo p.35)"

"A minha família sabe, menos o meu pai e minha mãe. É um serviço muito cansativo. Outro dia, um cara rasgou uma nota de \$100,00 dólares e colocou em mim e disse-me que se eu quisesse a outra metade teria que fazer um programa ele está com a nota até hoje. Algumas mulheres fazem programa outras são casadas com filhos, é apenas mais uma forma de ganhar dinheiro rápido e como quero ir embora logo, eu faço." (diário de campo p.35)

Ao informar que a família sabe menos o pai e a mãe a go go informou ainda que os irmãos não concordavam com esta forma de ganhar dinheiro, mas justificou que ela tinha pressa de retornar ao Brasil e que esta era a forma de juntar dinheiro mais rápido falou isso com muita tristeza, pois os irmãos discordam de seu projeto, mas o desejo de voltar para o Brasil parecia, naquela época, mais forte do que os problemas enfrentados por ser gogo e a vida afetiva, familiar, os amigos ficam para um futuro próximo - o sonho de retorno ao Brasil. Um relato contundente desta experiência evidencia como é difícil para as próprias go go conviverem com esta discriminação:

"Isto aqui não presta, passei os dois primeiros anos sozinha, dois anos horríveis, (...) perdi os melhores anos de minha vida, cultura, conhecimento, se tivesse casado e tivesse filhos talvez não tivesse vindo, mas adquiri o respeito da minha família, não gosto daqui".

No caso dos homens, a partir dos relatos, observa-se que eles trabalham majoritariamente nos restaurantes, na construção civil e em supermercados, freqüentemente em dois empregos. A justificativa para trabalhar em dois empregos é que aumenta a renda e conseqüentemente reduz o tempo de permanência na América. As cartas ao informarem a renda, fornecem para aqueles que estão no Brasil uma dimensão de quanto tempo será necessário para concretizar o sonho. Os salários variam entre US\$ 125,00 e US\$ 500,00 por semana.

Nas relações de trabalho há apenas um relato de conflito com o chefe. No conflito consegue uma pequena vitória, que para quem está em desvantagem por ser trabalhador secundário, imigrante ilegal .."é massa". Em geral os emigrantes não reclamam, pois têm pouca segurança no emprego.

Bicho hoje eu tive o maior quebra-pau com o meu chefe, pois, eu não queria mais varrer a loja ganhando tão pouco, aí ele me perguntou quem iria varrer a loja se era ele? Ai eu perguntei se ele podia me pagar mais? Ai ele me disse que talvez daqui a duas semanas, mais como eu tava meio atacado eu disse para ele esquecer e peguei minha jaqueta e fui embora, aí ele mandou um amigo que trabalha comigo e o gerente da loja atrás de mim disse que eu podia voltar a trabalhar que ele iria me dar aumento na próxima semana(...)Foi massa bicho, voce precisava ver. (José Mário - carta destinada ao amigo em 85)

As cartas também indicam uma outra característica da emigração. Os brazucas, emigraram para os EUA para serem empregados e poucos têm a pretensão de abrir um comércio próprio.

Um outro dado que emerge das cartas são as construções acerca do bom lugar para ganhar dinheiro. Quem está na Flórida quer ir para Boston ou New York, pois dizem que lá se consegue mais trabalho e o salário é melhor. Quem está em New York ou Boston quer ir para Flórida, porque o frio diminui o emprego. Segundo as cartas, os homens referem-se à mudança de cidade com mais frequência que as mulheres.

No mês de abril vou mudar para o Norte aqui está muito ruim de emprego esse mês não tirei mais que \$ 60,00 minha tia está retornando do Brasil e disse que vai me dar uma força está em New Jersey. (José Júlio carta destinada ao amigo 1992)

Está muito frio não tem emprego. O jeito é ir para a Flórida encontrar com meu amigo, tem muito serviço lá. I have to go (destacado pelo autor) Jose Antonio carta destinada a esposa 09/92.

Em ambos os casos emergem as dificuldades de fazer a América: a situação de trabalhador não documentado (ilegal), o pouco conhecimento do inglês e, no caso dos mais velhos, a diminuição da resistência física e o fato de não saber dirigir. As redes de apoio aparecem novamente como ponto fundamental, pois a mudança para um outro lugar é sempre motivada para mais perto de algum amigo ou parente.

As coisas são difíceis para quem não fala inglês e não sabe dirigir, sonhos de altos salários, é só para quem fala inglês e dirige, ou quem vai para New York ou Boston onde existe todo meio de transporte e muito emprego, aqui não emprega mais quem não tem cartão que autoriza a pessoa a trabalhar (Jose Carlos carta destinada a mãe dez 1988)

As coisas aqui não são fáceis, são dois empregos 07:30 A. M à 05:00 P.M. Carro wash e à noite value park (estacionar carro) Não estou aguentando mais, trabalho para caralho e não tem folga, um dólar no Brasil é muita grana mas, aqui não vale nada (José JULio - 1991 - carta destinada ao amigo)

Nas cartas sempre aparece referência ao total de horas trabalhadas, sendo um indicativo importante para quem está no Brasil, que o Brazuca está realizando o que foi planejado. O trabalho é estruturado em torno de metas: pagar dívidas. montar um negócio no Brasil, comprar uma casa e retornar ao Brasil.

Na verdade depois de dois anos acaba o ânimo de trabalhar em dois serviços, isso acontecesse quas com todos aqui, ou vão para o Brasil ou ficam vivendo apenas com um emprego, o qual não dá para economizar nada (Jose Carlos carta destinada à mãe com bilhete para mana sobre os filhos nos EUA jun de 1992)

O relato de José Carlos, demonstra o cansaço. Ao afirmar que ao final de dois anos acabam-se as energias e as pessoas não conseguem mais trabalhar em dois turnos, tornando-se mais difícil juntar dinheiro. O ritmo de trabalho é muito intenso, sobrando muito pouco tempo para lazer. A vida do emigrante portanto, é disciplinada pelo tempo do trabalho. Toda a vida é estruturada sobre as horas a serem trabalhadas, deixando para os "dias off" os momentos de lazer.

Dois sentimentos explicitam-se nas cartas: a decepção, As coisas aqui são difíceis para quem não fala inglês e não sabe dirigir... As fantasias que criamos acaba ao chegar aqui e esperança, A América não tem sido bôa, mas para mim futuramente é bem melhor do que o Brasil. Estas situações vão adiando os planos da volta pois, em relação ao Brasil, na concepção de José Carlos, ainda se vive melhor. Com relação ao encadeamento do tema no texto, o trabalho sempre aparece associado com outros dois temas: as dívidas e as tentativas de legalização.

É importante ainda salientar que toda esta experiência de trabalho árduo é vista como temporária e que vários destes emigrantes, com o aprendizado adquirido, pensam em montar um comércio no Brasil. Em Governador Valadares, alguns ex-emigrantes montaram com o capital trazido dos EUA, lanchonetes, pizzarias, e lojas de importados entre outros.

## AS DIFICULDADES DE FAZER A AMÉRICA



Nas cartas analisadas as referências diretas às dificuldades na América não são tão frequentes quanto a referência a saudade ou ao trabalho. Entretanto, aparece associada a questões que para o emigrante são problemáticas para concretizar o projeto de fazer a América: as relações afetivas, a moradia e as dívidas. A barra fica pesada segundo os próprios emigrantes quando situações cotidianas interferem nos projetos de fazer a América. As cartas ao descreverem estes momentos evidenciam uma mistura de decepção e esperança.

A barra aqui este meio pesada sabe . Carol e amiga apoiadas emocional e financeiramente em mim; a morte do mano ainda me abala muito voce deve imaginar (...) Tô numa insatisfação fudida. Voce que conheceu minha vida aí e sabe o que estou passando por aqui dá para imaginar meu estado psicológico . Mas agora estou bem melhor:. Mudei de apartamento tô morando eu e Carol e um casal oe dois têm 20 anos. Paguei minhas dívidas. (José Mário carta destinada ao amigo - 06.05.85)

Sei que não tem sido fácil para você tomar conta das crianças, da casa e de tudo, mas tem sido difícil para você saiba que também estou sofrendo. A sua ausência é um martírio. Não vejo a hora de voltar para casa e me lançar nos seus braços e...Você sabe. (José Antonio carta destinada a esposa 15.05.86)

José Mario e José Antônio partilham com o amigo e a esposa respectivamente, a complexidade de se manter na "América" e "dar conta" dos relacionamentos amorosos. No primeiro caso, a namorada emigrou para ficar junto dele o que culminou na primeira experiência de conjugalidade de José Mario, para espanto da família no Brasil. No caso de José Antônio, como veremos adiante, sua esposa também emigrou para dar-lhe uma força. O que revela como a emigração rearticula relações afetivas entre os dois lugares.

A decepção pode ser caracterizada pelas afirmações que classificam o momento vivido como de martírio, como barra pesada, relacionados geralmente às dificuldades de conseguir emprego, problemas afetivos, saúde e moradia. No plano afetivo é significativo que os homens narrem suas dificuldades e as mulheres falem de sua solidão, embora não entrem em maiores detalhes. Esta discricção pode ser atribuída ao maior controle moral das mulheres, pois como as cartas são escritas para os pais, existe o cuidado de não revelar os problemas da vida afetiva. Por outro lado, narrar estas dificuldades cria no Brasil a confiança de que estas pessoas estão lutando e que por isso vale a pena esperá-las.

Há um mes atraz adoeci com uma infecção na bexiga que cheguei a urinar sangue, fiquei segurando para não ir ao médico para não gastar, mas por fim não aguentei e tive que procurar um médico e gastei quase \$500,00 dólares foi esta a 1 vez que fui no médico aqui (Dulcineia carta destinada a mãe 16.04.90)

Cara irmã não sei mais o que fazer para juntar dinheiro nesta terra. Espreme esse dinheiro até quando puder, pois já estou desistindo de tentar...(..)Todas as noites durmo pensando em vocês eu sei que estão sem dinheiro quase passando dificuldades mas minha filha eu sou sozinha e está muito difícil para mim. A partir do mês que vem as coisas vão melhorar para mim se Deus quiser. ( Maria Antonia Carta destinada às filhas 03.07.92)

O desespero e tristeza tornam-se evidentes nos relatos de Maria Antonia e José Antônio que, retornando mais uma vez à "América" sentem não apenas falta da família, mas dificuldade de ganhar dinheiro e bom trabalho.

Esta forte ligação com o Brasil também sugere que, mesmo quando enfrentando dificuldades, os emigrantes decidem ficar na América, pois o que os mantém na América é a possibilidade de realizar o projeto mesmo que no momento a América não esteja muito boa. A perspectiva é de melhora, por isso e pelos compromissos assumidos no Brasil, os emigrantes afirmam apesar de tudo tenho que ficar . Neste sentido ainda estimulam as pessoas que desejam ir e auxiliam nos primeiros momentos.

## BENS ADQUIRIDOS NO BRASIL

As cartas colaboram para evidenciar o que MARGOLIS (1994:95) chamou um padrão comum entre os emigrantes. Segundo a autora Três valadarenses, vivendo a longo tempo em New York, afirmaram que os

seus conterrâneos agora nos Estados Unidos são de classe média baixa 'migrantes econômicos', definidos como pessoas que não têm 'casa própria'. Esta seria a mais importante razão para o valadarense partir para os Estados Unidos, e foi explanada repetidamente - migrar para ganhar dinheiro e comprar dois imóveis: " um para o seu uso pessoal e um para alugar ou como uma reserva extra".

Nestes relatos fica explícito a importância da casa própria como razão para a emigração. Entretanto, indicam também dados significativos em relação aos investimentos dos emigrantes em sua terra natal, os conflitos e impactos dos mesmos nas vidas das pessoas que ficaram, demonstrando o caráter transnacional desta ligação entre os EUA e Governador Valadares.

A idéia de emigrar e investir na compra ou construção da casa na terra natal envolve os familiares no processo, são eles que recebem o dinheiro e investem no solicitado. Os filhos geralmente recorrem aos pais, ou a pessoas das suas relações que consideram de confiança, que vão administrando e informando sobre as obras e os gastos. Esta administração ou compra muitas vezes gera conflitos, entre os emigrados e aqueles que permaneceram, como no caso de Maria Cristina cujo "próprio irmão" levou vantagem no negócio.

Quanto as minhas coisas que estou comprando aí, eu creio que não devo me preocupar, pois tenho certeza que vocês estão olhando para mim. E também o Abílio sabe o que está fazendo, pois ele é uma pessoa muito séria e responsável. (Maria Cândida - carta destinada aos pais 23.01.92)

Mãe, a deixei ele mora lá este tempo todo e não comprei(cobrei) nada, acho meu irmão muito injusto comigo, em comprar (cobrar) juros,a Ana escreveu uma carta muito grossa e mal educada, a respeito da compra da casa, mais não quero que a senhora comente nada com ninguém e nem com ela deixa para lá, mais ela foi injusta comigo, nunca mim escreveu nada quando escreve, escreve coisas desagradável, o importante é que agora está tudo acabado já paguei tudo só falta passa a escritura pro meu nome, e farei isso o mais rápido possível. (Maria Cristina carta destinada a mãe 02.03.92)

Mãe já liguei para a nossa cidade várias vezes e falei com o mano , sabe que ele teve a coragem de dizer que faltava \$100,00 dólares ainda , mais uma vez mandei só espero não inventa mais algum dinheiro, porque tenho certeza que já paguei tudo...Só estou falando para a senhora ficar tranquila (Maria Cristina carta destinada a mãe 29.04.92)

Com relação a casa espero mandar o dinheiro pelos meus amigos que vão em dezembro e eu espero que o senhor consiga comprar a nossa casinha por no maximo uns vinte mil dólares ( José Mario carta destinada ao pais dez 93)

Neste sentido, a compra da casa aparece como a concretização dos sonhos dos emigrantes e a possibilidade de seu retorno, estando a evidência desse projeto espalhada pela cidade. Por isso, quando me deparei com a casa ao lado da minha abandonada, percebi outros significados desse bem material - nela estavam estampados também - o sucesso ou fracasso do projeto, a dor da espera e a alegria do reencontro.

Durante toda a minha infância acompanhei as trajetórias de vida destes emigrantes que se espelhavam nesta casa, era uma casa alegre e exótica pois, quando os filhos de D. Jandira (nome fictício) chegavam sempre traziam novidades da América: aparelhos de som, bonés, crianças falando inglês, roupas e pinturas extravagantes, tudo americano... passados alguns anos os filhos retornaram ao Brasil, mas não conseguiram viver bem aqui, e retornaram à "América". Mais tarde, a casa foi alugada por um casal cujo marido, depois de um tempo desempregado, descobriu a solução para sua vida - ir para a "América" deixando a mulher e o filho.

No período que ainda residia em Governador Valadares, acompanhei a espera de sua esposa e do filho que sempre falava dos presentes e dos telefonemas do pai que nunca voltou. Eles se mudaram e a casa foi ficando abandonada. Em 93, depois de fechada há mais de um ano, a casa foi colocada à venda, pois o proprietário havia falecido e a família, que estava nos EUA, precisava do dinheiro. A venda já está acertada com um rapaz que está nos EUA e vai comprá-la para os pais.

Quando estive nos EUA os emigrantes que encontrei estavam construindo no Brasil. Um casal construía uma pousada e enviava cerca de US\$ 3.000,00 a cada 15 dias para o pai administrar a obra. as fotos de cada etapa da obra funcionavam como estímulo para pensarem em " menos um dia na América". Outros participavam de consórcios para a construção de prédios que fizeram surgir bairros novos e inflacionaram o mercado imobiliário(11) na década de 80. Em várias casas que estive vi fotos e fitas das obras algumas descritas minuciosamente pelos narradores do Brasil.

Desta forma a construção ou aquisição de uma casa própria é a realização do projeto de ascensão social que mobilizou toda a família para o projeto de migrar e transformou o cotidiano da cidade ao longo da década de 80 com os investimentos em dólar na construção civil. É na terra natal que o emigrante pode tornar visível seu sucesso, sua mobilidade social. As casas geralmente são construídas nos bairros de origem dos emigrantes. Assim, as reformas e casas novas modificaram a face dos bairros traduzindo, nos espaços urbanos, a desejada mudança de "status social" que dificilmente ocorreria na América devido a condição de imigrante ilegal, mas que pode ocorrer no Brasil através desses investimentos.

## OS LAÇOS COM O BRASIL: as relações familiares

O processo migratório nos coloca esta questão à medida que, as famílias que permaneceram em Governador Valadares participam deste projeto individualista de ascensão social dos filhos que, ao mesmo tempo, é a realização de projetos e expectativas de vida dos pais. Partindo deste ponto, faz-se necessário discutir um pouco sobre esta rede de relações entre os imigrantes e seus familiares.

O processo de transnacionalização ao enfatizar as vidas estruturadas entre dois lugares coloca-nos a seguinte questão: como as pessoas podem manter-se em contato estando tão distantes? Neste ponto, as cartas, os telefonemas são relevantes e indicaram-me um dado sugestivo: o processo de globalização cultural e a conseqüente modernização pela qual passam os países periféricos, rearticula relações familiares, não apenas no sentido de perda destes laços, mas na recriação das relações em outros parâmetros.

À medida que lia as cartas estas revelavam-me uma dimensão da emigração que sugeriu que começasse a pensar numa transnacionalização da família, termo proposto por FELDMAN-BIANCO. Estas ligações familiares vão desde o pedido de desculpas por ter emigrado para se casar, ao pedido de ajuda para comprar uma casa ou orientação para os que desejam emigrar. Os nomes que aparecem nas cartas são nomes fictícios, deixei-os porque ajudam também a evidenciar redes de relações, quando um emigrante da notícia de outro .

Ao iniciar a pesquisa de campo duas situações concretas me chamaram atenção e instigaram-me a buscar compreender a relevância dessas relações; a importância da família para os emigrantes quando estão nos EUA e o pedido recorrente para cuidarem das questões no Brasil.

A importância das famílias para os emigrantes quando estes estão nos EUA pode ser observada nos telefonemas que resultam em contas homéricas, nas cartas enviadas com certa frequência, nos presentes enviados aos pais e familiares mais próximos e no financiamento da viagem dos pais aos EUA, para dar uma força, assistir ao casamento dos filhos ou ao nascimento dos netos, envolvendo pessoas que nunca pensaram em ir para os EUA nesta experiência.

Término com o coração cheio de amor, e muitas saudades, o Rick gosta muito da senhora. Ele disse que vai trazer a senhora para mim, eu acredito nele, ele mim trouxe, sei que conseguirá trazer a senhora na América. (Maria Cristina carta escrita para mãe 02.03.92)

A força para trabalhar , vem de vocês - para que u possa voltar logo para pertinho de vocês. (Maria Lúcia carta destinada aos pais1992)

No dia 1 de julho eu e o Adilson ficaremos noivos. Gostaríamos muito da presença de nossas famílias, mas como não é possível, peço que nos dêem a benção e orem por nós (Maria Marta carta destinada aos pais 27.06.91)

Os trechos acima relacionados demonstram como a presença dos pais se faz importante como apoio moral nos EUA e também para ajudar a concretizar os sonhos no Brasil. Nas cartas também aparece o pedido para resolver algumas questões que ficaram pendentes no Brasil, rescisão de contrato de trabalho ou o início da construção. É interessante observar que estes pedidos são feitos especificamente ao pai ou a um irmão na falta deste, às mães os pedidos são para ajudar no casamento ou no parto.

Ao mesmo tempo, quando falava que estava realizando a pesquisa sobre os Brazucas, vários valadarenses falavam-me da desestruturação da família como a consequência mais trágica do fluxo migratório para os EUA. Para comprovar esta situação problemática, os valadarenses citaram-me casos de divórcios, separações, traições, filhos com problemas escolares. Destacando a importância desta temática para a pesquisa, fui até convidada para falar na rádio sobre a família. Era um programa da Igreja Católica destinado à família valadarenses dentro do tema da campanha da fraternidade - "E a família, como vai?". No programa perguntaram-me sobre o impacto da emigração nas relações familiares.

Os dados provenientes das cartas e os depoimentos dos emigrantes nos EUA, demonstram que efetivamente a emigração provoca transformações e sugere que estas não são necessariamente negativas, à medida que, em alguns casos, aproximam as famílias. São estas que, no Brasil, ajudam a concretizar o projeto resolvendo desde questões relativas ao cuidado dos filhos, ou netos, até pedidos de documentos, ou pequenas encomendas.

Um dado que mereceria uma investigação mais aprofundada é o impacto sobre os filhos. Não entrevistei crianças ou filhos de emigrantes, pois não faziam parte dos objetivos deste trabalho, embora deva destacar que observei situações muito sugestivas nos EUA. Se no Brasil o cuidado dos filhos fica a cargo dos avós ou das esposas que permaneceram, quando estes vão para os EUA juntamente com os pais a situação é diferente. Lá, os filhos desde pequenos entram em contato com a sociedade americana, quer seja pelas escolas ou através das baby-sitter, aprendem o inglês muito mais rápido e, quando maiores, chegam a desafiar os seus pais que não dominam a língua, pois estes passam a depender de seus filhos para ir ao médico, por exemplo. Diante deste fato, a relação de autoridade é invertida e os pais têm dificuldades de orientar seus filhos.

Uma outra diferença é que, devido as condições em que se trabalha, assim como os americanos, os brasileiros têm que recorrer à baby-sitter, algumas mulheres disseram-me que preferem portuguesas ou brasileiras por causa da língua. Quando os filhos estão no Brasil, aos cuidados dos avós, a vontade de se fazer presente e de compensar a ausência faz com que os pais mandem inúmeros presentes e procurem agradar os filhos com festas e passeios, como veremos.

Fernandinha escreva falando como foi o seu aniversário. Querida eu prometo fazer uma festa bem bonita para você igual a da sua irmã tá! Pergunte alguém que faz filmagem quanto estão cobrando. Quero fazer uma fita sua e de sua irmã bem bonita. Mas é para daqui a uns dois meses tá! Escolha uma excursão em dezembro que é para você e sua irmã irem pode ser em qualquer lugar do Brasil e me diga quanto vai ser eu quero fazer uma festa para você mas eu quero estar aí, ta! ...Minhas filhas quero pedir a vocês mais uma vez quero que vão à missa todo domingo e rezem muito por nós. Fiquem perto de Deus tá! (Maria Antonia carta destinada às filhas e à irmã 03.07.92)

Queridos filho e filha sejam obedientes, leiam a Bíblia e ajude a sua mãe.( José Antonio cartão do menino figura de uma criança jogando futebol e da menina criança colhendo flores 06.86)

Os pais nos EUA preocupam-se em manter o laço afetivo com o Brasil, o que fica claro quando Maria Antonia promete à filha uma festa ou uma viagem, ou o pai pede obediência aos filhos.

No exemplo que se segue, José Mario está tratando com os pais, a ida do seu filho de 04 anos para o Brasil para ficar de dezembro a fevereiro, período em que sua babá, que é portuguesa, tem férias e vai para Portugal. Para não ter que arranjar outra babá ou não diminuir o ritmo de trabalho, o filho foi para o Brasil com dois amigos e, em fevereiro ele aproveitaria sua férias para buscá-lo, visitar sua família e comprar a casa.

Com relação a ida do Juninho estamos procurando passagem no mesmo vôo dos meus amigos ele talvez fique uns dois meses aí (José Mário - carta destinada aos pais- 93)

Mãe estou bem e tudo correu maravilhosamente bem no meu parto...O Rick ficou o tempo todo comigo, na sala de parto, só Deus sabe o quanto ele é maravilhoso e muito atencioso comigo, filmamos todo o parto, ficou muito chique...Aqui é permitido ter duas pessoas na sala de parto.. Quando a senhora ver a fita vai entender tudo o que eu quero dizer, quando eu puder eu mando ( Maria Cristina, carta para a mãe, 23.01.91)

Existe ainda uma outra evidência desta ligação quando as cartas trazem notícias dos EUA e pedem novidades do Brasil. No caso das notícias dos EUA, informa desde o casamento ou nascimento do filho -

geralmente acompanhada de fitas e fotos - ao emprego ou informações de outras pessoas que estão nos EUA. No caso de pedido de novidades do Brasil, aparece uma preocupação importante que pude presenciar nos EUA - saúde dos pais. Quando estive nos EUA, coletei relatos que confirmaram esta preocupação. Diante da perspectiva de doença de um dos pais, os emigrantes afirmavam "que não valeria a pena ficar e voltariam para o Brasil" ou que, "é muito triste ver que os pais estão envelhecendo e que talvez da próxima vez que puderem ir ao Brasil não possam encontra-los mais" ..

Por favor não esconde nada de mim, preciso saber a senhora esta bem de saúde? As vezes tenho a impressão que a senhora não mim conta a verdade em relação a saúde, só para não mim preocupa, pode falar tudo que senti para mim, quero ter certeza que esteje bem, te amo demais não mim esconda nada."(Maria Crsitina carta destinada a mãe, 22.04.92)

Eu recebi uma carta da irmã Lúcia, me contando que Ricardo vai as vezes duas vezes na semana visitá-la está sempre sobrio e com boas perspectivas mas por outro lado me disse que o mesmo mora debaixo de um viaduto, o que me deixou muito triste, porque aqui a gente tem muito conforto come do bom e do melhor so não da para guardar dinheiro( Maria da Conceição, 18.03.90, carta para a mãe)

Maria da Conceição em seus relatos evidencia esta ligação com dois lugares de forma bastante significativa. Ao mesmo tempo que se propõe a ajudar alguém que deseja emigrar, revelando as redes que se tecem entre os emigrantes e seus familiares no Brasil, solicita notícias do filho que deixou no Brasil.

Esta tudo bem com o bebê e comigo também tenho ido ao médico e o médico me disse que o bebê deve nascer dia 19 de dezembro, espero que Deus posssa estar mais perto de mim do que nunca, acho que vou precisar (...)depois que o bebê nascer e se Deus ajudar com que eu consiga um serviço aí sim vou poder mandar algum dinheiro para a senhora(...) gostaria que a senhora pudesse esta aqui comigo, mais é muito difícil, o importante é que a senhora esta o tempo todo perto de mim (Maria Cristina carta destinada à mãe 19.11.91)

Querida filhas sempre que puderem vão passar o final de semana com o vovô e sempre que estiver lá, dê de vez em quando um beijo e um abraço nele e diga que é por mim. Curtam seus vovô, pois ele está doente e vocês sabem. Eu o amo muito e estou muito machucada por não estar perto dele. Dê carinho também a querida vov ela está passando uma fase muito difícil na vida dela. Procure faze o máximo por eles, como se fosse eu tá! (Maria Antonia, carta destinada às filhas 03.07.92)

Diga a querida mana que seus filhos realmente não estão bem financeiramente, os mesmos só trabalham na fábrica, tudo que o Jackson tem é este lote e nehuma economia, e o Janelson tem com o Jackson uma quantia que não chega a \$2.000,00, o qual a Jackson não tem condições de pagar e o Janelson não tem um dólar se quer(...) isto que estou escrevendo é a pura verdade como eu avia prometido para a mana (José Carlos carta destinada a mãe com bilhete para irmã 22.06.92)

Estes relatos explicitam as referências constantes às famílias, mas que tipo de família é essa a qual estão se referindo? Estamos falando de famílias urbanas de classe média e média baixa, da "tradicional familia mineira? Como podemos caracterizar as famílias dos imigrantes valadarenses?

Num primeiro momento, procurei entender como um projeto individual - ir fazer a América vincula-se a projetos familiares. ABREU FILHO (1981) realizou um estudo com famílias de camadas médias no interior mineiro que, embora tivessem trajetórias sociais diferentes, apresentavam homogeneidade no que se refere a questão do parentesco. O autor realizou uma análise do parentesco e criticou os estudos das sociedades modernas que reduzem o parentesco à família nuclear, propondo ao final que se entenda o parentesco como um domínio específico que articula um sistema de representações com um sistema de práticas.

Neste sentido, o parentesco define o lugar da pessoa na sociedade, sendo que é através do sangue, da raça e do nome de família que herdamos um nome que circula externamente e que, carregá-lo, exigiria luta. Este projeto de luta pela manutenção do nome abriria a possibilidade de individualização no sentido que DUMONT(12) (1985) articula uma lógica hierárquica que predomina nas famílias tradicionais brasileiras englobando o individualismo, valor fundamental de nossa sociedade moderna e igualitária. Desta forma, temos uma pista importante para entender como projetos individuais vinculam-se a projetos familiares e, no caso da emigração, compreender todo o investimento dos pais no projeto dos filhos.

O apoio dos pais se traduz no auxílio a concretização da idéia de migrar como alternativa para melhoria das condições de vida dos filhos, e nas "forças" aos filhos quando a saudade aperta, a fim de que estes não retornem antes de fazer o pé-de-meia. Além deste apoio afetivo, que é considerado fundamental pelos imigrantes para "aguentarem a barra", ocorre ainda a administração pelos pais e irmãos dos investimentos no Brasil, procurando casas para comprar, gerenciando obras e empenhando-se para ajudar na realização dos projetos dos filhos para que estes voltem logo para casa.

VELHO (1981) nos traz outra noção interessante examinar as acusações entre pais e filhos de camadas médias no Rio de Janeiro, analisando estas relações estruturadas entre dois lugares. A noção de projeto:

de qualquer forma o projeto não é um projeto interno subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.

Neste sentido, a noção de projeto estaria relacionada a dimensão mais consciente da ação social, o que implicaria em planos para realizar metas e também dependeria de uma biografia individual. Entretanto, enquanto VELHO (1981) nos fala de conflitos entre pais e filhos, pois estes não querem realizar o projeto estabelecido pelos pais, aqui ao que parece, os conflitos entre pais e filhos não têm o mesmo caráter pois os pais, são as grandes forças destes projetos individuais. Isto não quer dizer que não haja conflitos, mas que existe uma rearticulação entre os valores das famílias e as circunstâncias da emigração. Um exemplo destas modificações é a migração feminina, quando os pais permitem que suas filhas solteiras emigrem sozinhas ou para casar nos EUA. É interessante que, mesmo com a permissão dos pais, as filhas continuam escrevendo justificando-se e pedindo desculpas.

"Por favor me entendam e não me julguem mal, eu tenho direito de ser feliz e é aqui que eu me sinto independente, ou seja eu mesma (...) não se preocupem a pessoa que amo não tem condições de ir embora nos vamos nos casar em breve e se Deus quiser seremos felizes para sempre". (grifo da autora Maria Marta carta escrita aos pais 18.06.91)

Gostaria que vocês estivessem presentes no meu casamento, seria a maior felicidade da minha vida, bem que o papai poderia te dar esta alegria, não é mesmo? É super fácil chegar aqui. A viagem de avião é uma delícia." (Maria Marta carta escrita aos pais 18.06.91).

No caso dos imigrantes valadarenses, parece que essa biografia individual, de certa forma, tornou-se um projeto coletivo das camadas médias em função da ascensão social daqueles que emigraram nas décadas de 60 e 70. Este projeto de ir "fazer a América" transformou-se num objetivo de vida para significativas parcelas da população.

Neste sentido, a emigração realizaria o desejo dos pais que a família continuasse ascendendo socialmente, concretizando o projeto individualizante de família moderna, daí a importância dos objetos de consumo e do sucesso material e no caso dos imigrantes, este projeto transforma-se no sonho da casa própria e na aquisição de produtos modernos: telefone sem fio, secretária eletrônica, aparelho de disco laser, forno de microondas e outros utensílios domésticos.

Ao realizar a análise da modernização da família brasileira, FIGUEIRA (1987), demonstra-nos os dois ideais de família que convivem no Brasil desde a década de 50 e que expressam a própria modernização pela qual passou o país. A modernização como parte do desenvolvimento capitalista trouxe modificações profundas nos modelos de família e de identidade pessoal. Desta forma, passaram a conviver dois modelos ideais de família: um modelo de família hierárquica baseado na diferença entre homens e mulheres onde a identidade é posicional sendo definida pela posição, sexo e idade; e a família igualitária, que emerge desse processo de modernização caracterizada pela nuclearização e privatização progressiva e cujo o ideal é o igualitarismo, sendo a identidade indiossincrática, onde homens e mulheres seriam iguais enquanto indivíduos.

Para entender melhor esta articulação, é importante compreender o que FIGUEIRA (1987) denominou modernização reativa que significa a articulação de valores modernos e arcaicos pelos indivíduos o que, em termos da prática social, faz com que os indivíduos tenham comportamentos de conteúdo moderno, mas o imaginário moral continua.

Esta perspectiva ajuda-nos a compreender como os imigrantes, mesmo distantes de suas famílias e numa sociedade pós-industrial como a americana, com todas as possibilidades de consumo, ainda participam da sociedade local e reificam, em alguns aspectos, seus valores e normas, ao mesmo tempo que se modificam alguns padrões. As múltiplas relações que estabelecessem com o Brasil e a participação efetiva dos familiares no projeto de fazer a América aponta também para uma transnacionalização no plano da afetividade.

## PROJETOS PARA RETORNAR AO BRASIL

Todos os emigrantes quando perguntados sobre sua situação, classificam-se como migrantes temporários e falam dos planos de retorno ao Brasil. Geralmente a volta é programada para o final do ano, pois é o período das festividades natalinas. A volta é programada para este período, pois é um momento de reencontro com a família. Para os emigrantes "esta é a época mais difícil de aguentar nos EUA".

Entre o "desejo de ir embora" e o que efetivamente acontece existe um vácuo. Alguns tiram apenas férias, outros não conseguem, pois as pessoas não têm coragem de voltar sem conseguir alguma coisa e, enquanto isso, o tempo vai passando....

Os trechos que se seguem indicam estes projetos e as dificuldades de execução dos mesmos:

Quero ver se vou mandando dollar até fazer a soma e comprar o táxi o mais rápido possível, não quero ficar muito tempo por aqui. (José Antonio 12.05.86 carta destinada a esposa 12.05.86)

Eu tenho a impressão de que este ano vai ser decisivo para minha volta ao Brasil, mas como sempre su vou precisar muito da ajuda de vocês aí. Primeiro para comprar a casa que vai ser o passo mais importante para a nossa volta; Segundo arranjar emprego para mim e para minha esposa; terceiro na nossa adaptação na volta ao Brasil. Sabe pai quando q gente deixa o Brasil a gente pensa que esta fazendo a coisa mais difícil da vida, mas pode ter certeza que a volta e muito mais difícil que a vinda e é por isso que nós vamos precisar tanto do apoio de vocês e eu sei que sempre posso contar com vocês ...Com relação a casa esero mandar o dinheiro pela nossa amiga em dezembro e espero que o senhor consiga comprar a nossa casinha por no máximo uns vinte mil dólares (Jose Mario carta destinada ao pai - 94)

As cartas e entrevistas realizadas com os emigrantes revelaram que as festividades do Natal são as que mais despertam a saudades da terra, pois o Natal é uma festa que se comemora em família. Por isso, quando se aproxima o final do ano, os emigrantes sentem-se deprimidos, desanimados, pois mais um ano passou e desejam retornar. Uma emigrante valadarense disse-me; "todo final de ano é assim esse pessoal fica dizendo que vai no final do ano e ano que vem tá aqui de novo".

Entretanto, o retorno à terra natal está condicionado à realização dos projetos comprar um carro, ou uma casa e montar um negócio, bens que significam o sucesso do projeto de migrar. Além desses bens os emigrantes precisam evidenciar este sucesso, trazendo "quarquer coisinha" desde um óculos Ray-ban, a uma máquina de fax, uma secretária-eletrônica ou aparelhos compact-disc. Estes presentinhos afirmam que os emigrantes estão "dando certo na América". Por isso, mesmo que estejam voltando temporariamente, esta torna-se um despesa necessária para demonstrar no Brasil sua mobilidade social ascendente. Segundo FELDMAN-BIANCO (1992: 42), faz parte da cultura migratória despende tempo e dinheiro com presentes, para por meio deles afirmarem simbolicamente sua mobilidade social nos EUA e sua proeminência na terra natal.

Retornar portanto, é um projeto que, para se concretizar, exige do emigrante uma vida disciplinada e muito trabalho nos EUA, para que possa - um dia - retornar ao Brasil. Após alguns anos nos EUA, assim como outros grupos de imigrantes, a terra natal se torna a terra da utopia mantendo os emigrantes divididos entre estar aqui ... e estar lá...

Para voltar os emigrantes contam com o apoio dos pais e amigos a volta, pois como já foi salientado "voltar é mais difícil que partir". Os Brazucas percebem que perderam contato com a realidade do Brasil, e a idéia de um país sempre em crise econômica os assusta. Além disso temem também a readaptação ao Brasil, aos

amigos, aos familiares. Embora a saudade seja o sentimento que mais incomoda nos EUA, o convívio com a sociedade americana "onde a lei vale para todos", as "pessoas ligam antes de vir a sua casa", a privacidade, o acesso a sociedade de consumo, onde "posso comer morangos com o salário de entregador de pizzas, "onde os homens aprendem a cuidar da casa e dividir tarefas com as mulheres" fazem com que os emigrantes tenham sentimentos ambíguos em relação a volta para um sociedade relacional como a sociedade brasileira em contraposição à sociedade individualista e ao american way of life. Dois fatos ocorridos nos EUA exemplificam este temor.

Num jantar na casa de José Arthur e Maria Carolina, estando também presente seu primo José Felipe, conversou-se sobre a vida nos EUA e os planos de retorno ao Brasil. Quando começamos a falar sobre o retorno foi um momento particularmente emocionante. José Arthur e Maria Carolina, casaram-se quando este já se encontrava nos EUA, pretendiam voltar ao Brasil com uma fonte de renda garantida e para realizar o sonho de casamento no religioso. Para isso, estavam construindo uma pousada no litoral. Embora, a volta seja um projeto compartilhado em cartas e telefonemas com os pais, que ficaram no Brasil administrando os investimentos, ambos falaram do temor de regressar e perder tudo que haviam investido, devido à instabilidade econômica do país.

José Felipe também falou da volta...estava construindo um prédio junto com o irmão e pretendia voltar até o final de 94, tendo adiado o projeto para meados de 95. Revelou também o temor do regresso e da não adaptação à vida daqui.

Quando estava na casa de José Mario e Joana, assistimos uma fita da última vez que José Mario estivera no país e a esposa se perguntava:

..... "Estas pessoas sempre rindo com essa música (baiana), será que vou me acostumar com todo mundo assim participando da vida da gente?"

"Será que vão se acostumar"? É a grande pergunta que todos eles se fazem. O desejo de voltar ao país, se iguala ao medo que todos têm de fazê-lo, a grande pergunta que se fazem é: "e se não der certo como começar tudo de novo?", disse-me Joana. Esta pergunta, que não foi feita no momento da partida, é colocada a todo instante por emigrantes que tentam voltar, uma das emigrantes disse-me ainda:

" quando estamos aqui, pensamos que o melhor lugar do mundo é o Brasil, lá temos os amigos, os parentes, a família, mas quando a gente chega lá está tudo diferente, sinto-me um peixe fora d'água ".

Entre estar aqui e estar lá que o emigrante deixa de ser temporário ou permanente e vai construindo uma identidade transmigrante. Encontrei nos EUA pessoas que não desejam retornar, pois acreditam que a "América" é um bom lugar para se viver, embora sintam saudades do Brasil. Entretanto, mesmo que a volta não se concretize, este é o desejo predominante entre os emigrantes entrevistados e nas cartas analisadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartografia da emigração valadareense para os EUA, nos evidencia através de um conjunto de relatos de intimidade as complexas relações que envolvem os migrantes contemporâneos. Nesta aparecem os sonhos, os desejos, decepções do projeto de Fazer a América.

Neste artigo procurei reconstruir as trajetórias dos emigrantes a partir de seus relatos - cartas, fotos e outros documentos, as cartas foram priorizadas como narrativas para evidenciar o significado subjetivo dessa experiência. Estes dados foram reveladores, à medida que explicitaram sentimentos dos emigrantes que são relatados aos seus familiares, demonstrando que estas criam significados para os vários momentos da vida na América. Através delas pude reconstruir momentos como o impacto da chegada, que numa entrevista a posteriori, por exemplo, seria apenas uma reflexão sobre o que passou e não um relato do impacto da diferença, o "olhar do emigrante.



Os relatos de imigração demonstraram como foi se contruindo um imaginário acerca da "América" que é compartilhado, não apenas pelos emigrantes e seus familiares, mas pelos demais habitantes da cidade constituindo a chamada "cultura migratória". Partindo deste olhar que revelava o significado subjetivo da experiência migratória, as cartas permitiram um mapeamento do cotidiano na "América", pois seus temas referiam-se ao cotidiano da vida nos EUA : o trabalho, a moradia, os projetos e dificuldades de realizá-los e também perguntavam e orientavam sobre o que fazer no Brasil, quer seja na orientação dos filhos, ou nas contas a pagar, ou no pedido de espera.

As cartas também contribuem para desmistificar algumas impressões sobre os emigrantes brasileiros, demonstrando a diversidade da emigração para os EUA. Informações preliminares acerca dos emigrantes classificam-nos como de nível médio de escolaridade, de classe média, homens jovens e brancos. As cartas, embora sejam um dado apenas qualitativo, sugerem que este universo é mais diversificado apontando para o crescimento do número de mulheres, o alargamento da faixa etária e diversificação da classe social.

As cartas muitas vezes vêm acompanhadas de fotos, ou fitas de vídeo que também se constituem em narrativas acerca da experiência migratória. Os emigrantes do início do século que tiravam fotos pra enviar aos seus familiares para demonstrar que estavam bem causando a impressão de prosperidade e bem-estar e seduzí-los para também emigrar criando um imaginário cambiante (LEITE, 1993: 129-130). Da mesma forma, ao observar tanto em Governador Valadares como nos EUA, a importância que os emigrantes e seus familiares davam às fotos, evidenciou-se que juntamente com as cartas elas constroem este "imaginário cambiante" da vida nos EUA atraindo assim amigos e parentes para o projeto de "Fazer a América".

As fotos e fitas coletadas entre os parentes constroem significados da vida na "América", uma vez que revelam situações cotidianas: trabalho, lazer, casamentos por procuração, etc. Os familiares, durante as entrevistas, mostraram-me com orgulho o sucesso do filho ou filha, esposa ou esposa, amigos pais ou mães fazendo das fotos um testemunho de que "estão bem" na "América". Os registros das fotos são indicativos deste bem-estar. Algumas fotos foram gentilmente cedidas pelos emigrantes e suas famílias.

A partir da leitura e análise das cartas, a emigração foi se revelando um projeto econômico, familiar e afetivo que envolve homens e mulheres, pais e filhos, maridos e esposas, namorados e namoradas explicitando o lugar de homens e mulheres neste processo. Neste ponto, analisar como se reestruturam as relações familiares e de gênero com ênfase na experiência subjetiva contida nos relatos de homens e mulheres, pais e filhos, maridos e esposas, amigos que vivenciam este processo foi o recorte escolhido para compreender os dois mundos - os EUA e o Brasil - ligados por experiências partilhadas entre os emigrantes e seus familiares.

No que se refere às motivações para migrar, os dados demonstram que as econômicas são as mais importantes nesta decisão. Entretanto, ao conversar mais detalhadamente com os emigrantes observa-se que muitas vezes o econômico foi apenas uma justificativa para o corte, a mudança. No caso das mulheres, estas vão para acompanhar os maridos ou namorados, outras emigram sozinhas porque separaram-se ou porque queriam tornar-se independentes em todos os sentidos de suas famílias. No caso dos homens, a pressão econômica parece ser mais forte. Mas o que é questionador nesse processo é que muitos largam empregos com bons salários apenas para realizar o sonho de acumulação mais rápida.

Os emigrantes valadarenses mantêm ligações familiares e afetivas com a terra natal, quando emigram solteiros, homens e mulheres comunicam-se com os pais e amigos, quando casados, com os pais e respectivos cônjuges, a comunicação se faz por cartas e telefonemas principalmente. Em sua grande maioria, possuem o projeto de retornar ao Brasil, que se traduz em investimentos na terra natal, basicamente na construção de casas e edifícios; as remessas de dinheiro para a cidade são constantes, pelo menos uma vez por mês, tanto para administrar os negócios, como para sustentar a família no Brasil, mobilizando uma vasta rede de agências de turismo que operam na cidade. Todo esse projeto de ir para a "América" é realizado com a ajuda da família, no financiamento das passagens, na administração e compra dos bens no Brasil, no cuidado dos filhos quando os pais estão nos EUA. Portanto, pode-se afirmar que na cidade existe um campo social que coloca em relação as pessoas que permaneceram com a realidade da migração.

Neste sentido, observar a vida cotidiana dos imigrantes está me instigando a pensar este contexto transnacional como um projeto econômico, afetivo, familiar que envolve aqueles que partiram e aqueles que

ficaram nesta experiência. Poderíamos pensar numa transnacionalização no plano da afetividade quando percebemos que os emigrantes permanecem estruturando suas vidas nas duas sociedades.

notas

1 Este trabalho é uma versão do cap. 3 Uma cartografia da emigração, parte da dissertação de mestrado Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares Florianópolis, Programa de pós-graduação em Antropologia Social UFSC, março, 1995. Agradeço à Fundação FORD que através da ANPOCS forneceu-me os recursos necessários que possibilitaram o trabalho de campo nos EUA e ao CNPq.

2 Segundo Sales (1992:60), a emigração seria o fruto mais amargo de nossa "década perdida" - denominação dada por economistas à década de 80 devido a queda dos indicadores econômicos - pois entramos na economia mundial pela porta dos fundos fornecendo trabalhadores imigrantes ilegais que fogiam da crise econômica. Goza (1992) afirma que jamais se imaginara que um país que entre 1940-1980 cresceu a taxa de 7% ao ano e o PIB real per capita aumentou em torno de 4% (Economist, 1991), experimentaria um êxodo maciço para outros lugares.

3 Esta é uma afirmação jocosa dos habitantes da cidade que, ao associarem emigrantes e bicicletas estão apenas se referindo a dois dados do cotidiano: a cidade, por ser plana, tem na bicicleta um meio de transporte utilizado por parcela significativa da população e a migração que envolve tanto aqueles que partiram quanto os que ficaram neste processo.

4 Denominação dada a cidade na década de 80 devido aos dólares que impulsionam a economia local.

5 O drama significa uma "quebra de norma", um momento de "virada nas relações entre os componentes do campo social" (TURNER:146 APUD MALUF, op cit p.60)

6 Para a autora, embora obras de ficção, os romances sobre a imigração japonesa no Brasil possuem um lastro de realidade muito forte e são vários aqueles que os narradores e os personagens são os imigrantes pioneiros de origem japonesa (...) são reconstituições, um recontar de vidas que têm pontos comum (SAKURAI, OP.CIT: 19-20).

7 Balneário turístico localizado no estado do Espírito Santo distante apenas 400Km de Governador Valadares onde os mineiros passam suas férias.

8 sobre a construção social do amor romântico e do casamento como valores em nossa sociedade ver VIVEIROS DE CASTRO (1978), VAINFAS (1978), D'INCÃO (1987), DAUSTER (1987), GIDDENS (1993)

9 BUFFON (1992), nos fala de homens sensíveis em classes média intelectualizada de São Paulo, onde o ideal do amor romântico vem se confrontando com novas experiências de conjugalidade, como por exemplo, o casal igualitário. No caso dos emigrantes, os princípios igualitários não vêm de um discurso intelectualizado, mas do próprio choque com a outra cultura, onde as mulheres, em princípio, são mais independentes. Além disso, as circunstâncias de trabalho em conjunto, a divisão de tarefas domésticas, faz com que alguns homens redefinam alguns de seus valores em relação à conjugalidade.

10 Ver PITT- RIVERS, Julian. Honra e posição Social. In: PRESITIANY. J. G. Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1988. .

11 Sobre o impacto da emigração no mercado imobiliário Weber Soares está concluindo uma tese de mestrado onde trata desta temática. ( Ver SOARES, W: 1993, 1995 )

12 DUMONT, Louis. O individualismo. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU-FILHO, Ovídio. Parentesco e Identidade Social. In: Anuário Antropológico - 80. Tempo Brasileiro/ UFC, 1982.
- AIALA, Goreth. Emigração= desintegração familiar?: um estudo de caso. UNIVALE. 1991. mimeo.
- ASSIS, Gláucia O. et alii. PROMGOVAL: Pró-memória Governador Valadares 1930-1950, mimeo, 1986.
- ARIÉS, Phillipe. A família e a cidade. In: VELHO, Gilberto & FIGUEIRA, Sérvulo. Família, Psicologia e sociedade. Rio de Janeiro Campus. 1981 p.13-23.
- BAILY, Samuel L. and RAMELLA, Franco. One family two worlds: An italian family correspondence across atlantic. 1901-1922. Rutgers University Press, New Brunswick and London, 1988.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa. Edições 70. 1979.
- BARTHES, Roland. Fragmentos do discurso amoroso. 2 ed. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1981. 198p.
- BASSANEZI, Maria S. C. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: Seminário de Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo. São Paulo. Programa de Avaliação e acompanhamento das Migrações Internacionais. 27 a 29.09.94
- BICALHO, José V. Yes, eu sou Brazuca. Governador Valadares, Ibituruna, 1989, 106p.
- BILAC, Elisabete. Gênero, família e migrações internacionais. In: Seminário de Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo. São Paulo. Programa de Avaliação e acompanhamento das Migrações Internacionais. 27 a 29.09.94
- BUFFON, Roseli. Encontrando o homem sensível? Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 1992.
- COSTA et alii. Mulheres no exílio. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- DA MATTA, R. Em tempos de dilaceração e desesperança, Roberto DaMatta tenta fixar a saudade no horizonte da sociologia brasileira "como categoria básica da nossa existência" e elemento de uma nova ética. Especial para Folha De São Paulo. Domingo. 28.06.92
- DAUSTER, Tânia. Amor, Sexo e Família em Camadas Médias Urbanas. In: FIGUEIRA, Sérvulo. (Org) Uma nova família? Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987. p.99 - 111.
- D'INCÃO, Maria Ângela (org). O Amor Romântico e a Família Burguesa. In: Amor e Família no Brasil. São Paulo, Contexto, 1989. p.57 -71.
- DUMONT, Louis. O individualismo. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- FERREIRA, Argemiro. Aventureiros sobrevivem com subemprego nos EUA. Saindo do Brasil (1), País, Diário Catarinense. 16 mai 1993, p.17.
- . Americanos atraem valadarenses. Saindo do Brasil (2). País. Diário Catarinense. 16 mai 1993. p.17.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among Portuguese immigrants. In: SCHILLER, N. G. BASCH, L. and BLANC-SZANTON, C. Towards transnational perspective on migration. Annals of the New York Academy of Sciences. New York, 645, 1992, p 145-73.
- & HUSE, Donna. A saudade cultural e experiências de imigrantes portugueses na intersecção cultural. Identidade, Imigração e Memória. Publicação do Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, Maio, 1993, p.45-61.
- FIGUEIRA, Sérvulo. (Org) Uma nova família? Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987
- FLAX, Jane. Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. Pós-Modernismo e Política. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1991.
- FORJAZ, Cecília. Brasileiros Exilados da Década de 80. In: Revista de Administração de Empresas. Rio de Janeiro, FGV, 1993.
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. São Paulo. Editora da UNESP, 1993, 228p.
- GOZA, Franklim. A imigração brasileira para a América do Norte. Revista Brasileira de estudos de população. v.9 n.1 jan/jul 1992.

- GROSSI, Miriam P. Em busca de outros e outras: gênero, identidade e representações em antropologia. ABRALIC. Florianópolis, 1991. mimeog.
- . Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo". Trabalho de campo e subjetividade. Publicação do Grupo de Estudos de Gênero & subjetividade. Programa de Pós Graduação em antropologia social UFSC. Florianópolis, 1992. p. 7-18.
- (Org). Trabalho de campo e subjetividade. Publicação do Grupo de Estudos de Gênero e Subjetividade. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-UFSC. Florianópolis, 1992, 70p.
- Fazendo etnografia pelas margens: diários de campo, cartas e biografias como constituidores da Antropologia. Program of methodology in human and social sciences. Florianópolis. Mimeo. Jun/93.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Sueli. Micropolítica; cartografias do desejo. 2 edição, Vozes, 1986; 327p.
- HALBAWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Histórica. In: Memória coletiva. São Paulo, Vértice, 1990.
- HARVEY, DAVID. A Condição Pós-Moderna. Loyola, São Paulo, 1993. 185-290.
- LEITE, Míriam M. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São Paulo, EDUSP, 1993, 192 p.
- MALUF, Sônia. Narrativas Sobre Bruxas. São Paulo, Rosa dos Ventos, 1993.
- MARGOLIS, Maxime L. An New Ingredient in the melting Pot: Brazilians in New York City" City and Society 3 (2): 179-187. 1989.
- An American in Governador" The Brazilians. N 18 (september);4. 1990
- "From Mistress to Servant: Downward mobility among Brazilians in New York City "Urban anthropology 19 (3): 215-231. 1992
- Little Brazil: an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City. New Jersey, Princeton University Press, 1994, 329p.
- MONTEIRO, Paulo. Terra que já foi Terra. Lisboa, Salamandra, 1985.
- MORETTO, Denise. Descriptive study of the brazilian immigrants, living in the Boston área and identification of the major pre and post immigration stress. Boston University; School of Education. Degree of Doctor of Education. 1991. Mimeo.
- MOROKVASIC, M. Mulheres são maioria em êxodos de curta distância. Folha de São Paulo. World Midia. 19 de jul 1991. p 16 especial.
- PORTES, Alejandro. & RUMBAUT, R. Immigrant America: a portrait. Berkley: University of California Press. 1990.
- PIMENTEL, Denise et alli. Histórico dos empresários estrangeiros em Governador Valadares. Datilografado. 1986.
- PITT-RIVERS, Julian. Honra e posição social. In: PERISTIANY, J. G. Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa., Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
- RIBEIRO, Gustavo L. Bichos-de-obra. Fragmentação e reconstrução de identidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais. n. 18, ano 7, fev/1992, p.30-40.
- Explorando fragmentos das fronteiras da cultura. FONSECA, Claudia (Org) Fronteiras da Cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina. Porto Alegre, Ed Universidade/UFRGS, 1993. p. 09-21.
- SALES, Tereza. Novos Fluxos da população brasileira. Revista Brasileira de estudos de população. São Paulo. v. 8, n 1/2. Jan/dez, 1991.
- Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas questões para pesquisa. Revista Brasileira de Estudos de População. São Paulo. v. 9 n.1 jan/jul 1992, p 50-64.
- SAKURAI, Célia. Romanceiro da imigração Japonesa. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1993 (Série Imigração:v.4) . 110p.
- SASSEN, Saskia. The Mobility of labor and capital - A study in international investment and labor Flow. Cambridge, Cambridge University Press, 1988, 224 p.

SOARES, Weber. Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarenses . Projeto de dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano e Regional da UFRJ. Mimeo. Janeiro de 1993.

THOMAS, William. & ZANANIECKI, Florian. The polish peasant in Europe and America. Chicago, University of Illinois Press, 1984.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Romeu e Julietae a invecção do Estado Moderno. In: VELHO, Gilberto (org). Arte e Sociedade. Rio de Janeiro, 1978. p.130-169.

Os erros de português foram o primeiro indicativo da classe social dos emigrantes, partindo do princípio que alguns erros evidenciam um baixo nível de escolaridade característicos de extratos de classe média baixa ou classes populares.

Gláucia de Oliveira Assis  
Prof. Antropologia Cultural Centro de Ciências da Educação -  
FAED/Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

XXI Encontro Anual da ANPOCS